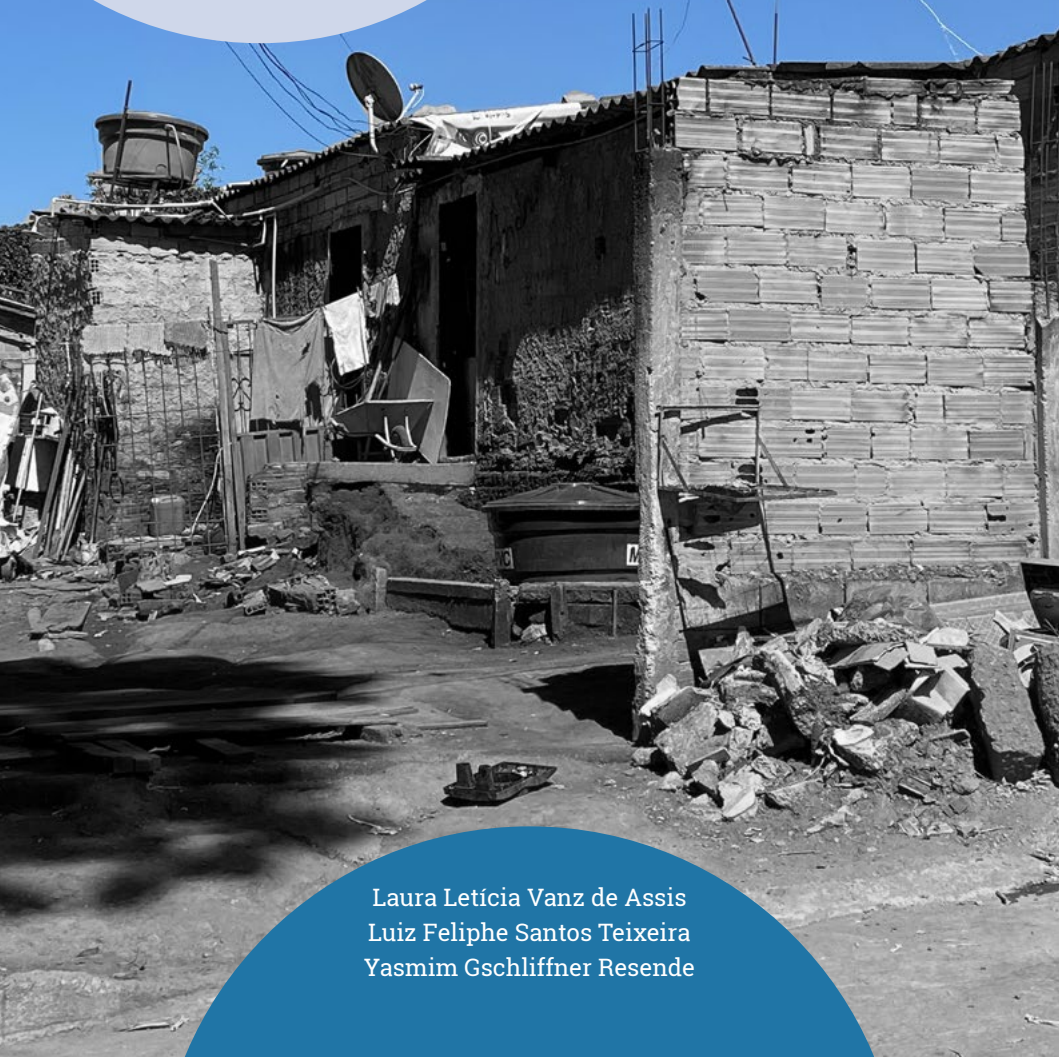


# QUINTA DA BOA VISTA:

## HISTÓRIAS DE UMA PANDEMIA



Laura Letícia Vanz de Assis  
Luiz Felipe Santos Teixeira  
Yasmim Gschliffner Resende

### **Orientação**

Profº. Dr. Luiz Signates

### **Revisão**

Jucileidy Ferreira Pimentel

### **Fotografias**

Laura Leticia Vanz de Assis

Luiz Felipe Santos Teixeira

Yasmim Gschliffner Resende

### **Imagem capa**

Luiz Felipe Santos Teixeira

### **Diagramação**

Vinicius Pontes

-----

ASSIS, Laura; RESENDE, Yasmim;  
TEIXEIRA, Luiz. **Quinta da Boa  
Vista: histórias de uma pandemia.**  
Goiânia: Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás, 2021.

183 pgs. 14x21 cm.

1. Necropolítica; 2. Pandemia;  
3. Desigualdade; 4. Política; 5. Saúde

-----

Esta obra é resultado do Trabalho de  
Conclusão de Curso de Jornalismo,  
da Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás, orientado pela professor  
Dr. Luiz Signates.

[2021]

# ÍNDICE

04	Introdução
12	1. Hodie
21	2. Vila Romana
27	3. Sopro
33	4. Quinta da Boa Vista
45	5. Caminhos até o presente
53	6. Botequim
58	7. A pandemia não enxerga o amor
63	8. O centro no auge da crise
69	9. Lojas fechadas e sonhos destruídos
77	10. Entre a enfermagem e a Covid
66	11. A vida é um eterno aprendizado
91	12. A medicina enfrentando obstáculos
99	13. Lady Di
108	14. A cor dos lábios dela
115	15. Apenas um olhar
130	16. Em passos curtos
136	17. Resposta na ponta da agulha
144	18. “Privilégios da servidão”
157	19. A institucionalização da violência
163	20. O analfabetismo virtual
169	21. Seleção
178	Conclusão

# INTRODUÇÃO

O Livro Reportagem se desenvolve como um estudo teórico de todos os discursos já debatidos em torno do tema da Pandemia. Serão abordados os conceitos, posicionamentos e dados essenciais para compreensão e aplicação dos resultados em nossa realidade. A abordagem de diversos autores, suas divergências e complementações sustentam o referencial teórico em torno do princípio e da evolução dessa política da morte, que se estabelece entre os séculos XVII e XIX.

As noções primárias do estudo sobre a necropolítica foram desenvolvidas a partir de termos como biopoder e biopolítica, trabalhados por Michel Foucault em um contexto europeu. As transformações trazidas pela Revolução Industrial e a Revolução Francesa possibilitaram o surgimento de novos hábitos e valores, ou seja, novas estruturas de pensamento e práticas sociais em conjunto à aplicação de novos saberes – ciências como biologia, economia política, a psiquiatria e a própria sociologia – assim como novos dispositivos disciplinares.

“Quinta da Boa Vista” se refere ao principal local de entrevistas das pessoas marginalizadas, e o nome do livro aparece

justamente na forma como esses impactos trouxeram referências profissionais e pessoas para cada um dos autores. A importante de retratar esse nome para o projeto ressalta o comprometimento e a relevância social de mostrar histórias reais de pessoas que viveram a pandemia de uma forma cruel.

Necropolítica foi um termo estudado e aprofundado pelo filósofo, historiador, teórico político e professor universitário negro e de origem camaronense Achille Mbembe, que elaborou esse conceito baseado no estado de exceção, no estado de terror, do terrorismo, questionando os limites da soberania quando o Estado pode escolher quem deve viver e quem deve morrer. Atualmente, o termo é usado para falar de políticas de segurança pública.

Com esse termo, Mbembe quis explicar e mostrar as várias formas pelas quais, no mundo contemporâneo, existem estruturas cujo objetivo é provocar a destruição de grupos específicos. Diversas formas de existência em que sociedades são submetidas a condições que lhe conferem o status de “mortos-vivos”

A necropolítica é a capacidade de estabelecer parâmetros e justificativas para legitimar e normalizar a morte. É uma política da morte moldada pelo Estado. Falar sobre necropolítica e segurança pública brasileira é entender as políticas de morte para o controle das populações, o uso do poder político e social por parte do Estado e as ações ou omissões que geram condições de risco para grupos especí-

ficos em lugares subordinados. Nesse contexto de desigualdade, exclusão, violência e precariedade, a população sofre com a repressão policial e a falta de uma política humanitária, onde existe licença para matar e as vítimas têm endereço e densidade negra.

Hoje, podemos observar um Estado que pratica a política da morte, o uso injustificável da força, o extermínio, a política de inimizade. Não é necessário ir muito longe para perceber como isso é grave no Brasil. Não há nenhum tipo de serviço de combate à criminalidade, ou educação básica de fácil acesso ou qualquer tipo de serviço de inteligência nas favelas e comunidades do Rio de Janeiro ou periferias das grandes cidades brasileiras. Essa política de morte se materializa quando o Estado é incapaz de combater a criminalidade e promover a Justiça, deixando de proteger os cidadãos e acima de tudo os colocando em risco.

Esse “estado de exceção” dado como “base normativa do direito de matar” foi utilizado em regimes totalitários como o nazismo e até mesmo no território palestino. Essas experiências do estado já existiam na época da escravidão e acontecem até hoje, na contemporaneidade, tendo lugares privilegiados em que a necropolítica se exerce. Pensando no Brasil, é possível fazer essa leitura para falar sobre as mortes causadas pela polícia em territórios periféricos das cidades, nos conflitos agrários dos milionários do Brasil, nos morros, nas favelas, ou quando comunidades indígenas e quilombo-

las perdem seu território, e, com ele, seus modos de vida e produção de conhecimento.

Nos últimos anos vem se intensificando ainda mais a ideia de que a militarização é a melhor forma para se combater todo e qualquer tipo de violência e de criminalidade, porém essa postura das Forças Armadas, que acaba sendo usada no dia a dia da polícia, não surte efeito para a criminalidade, pois causa a morte de todo mundo. Morre inocente. Morrem policiais. Morrem civis. E o que era para se combater não se combate.

Analisando de um ponto de vista marxista, aquilo que o capitalismo acha que não serve mais ele mata, porque são corpos negros. A massa sobranete do mercado de trabalho. Como não se dá oportunidades para que as classes marginalizadas acompanhem os desenvolvimentos técnicos e tecnológicos do capitalismo, o óbvio é que elas sejam excluídas. Essa mesma massa sobranete é notoriamente negra, mulheres negras, corpos negros, que foram escravizados e hoje eles não interessam mais para o capital, mesmo sendo fundamentais para a acumulação do mesmo. Essas pessoas vivem nas franjas do sistema social.

Nesse processo de marginalização, criamos linhas divisórias imaginárias de nós e outros. Se não nos afeta, que mal tem? Porém, esses outros podem ser alvos de tudo. Inclusive da morte. Não uma morte aceitável, o corpo “matável” é aquele que corre risco devido à definições de raça.

O racismo de Estado determinaria as condições de aceitabilidade para quem vive e morre. A escravização, no papel, já foi abolida e não é mais estatuto jurídico, mas essa escravização se dá de outras formas. O fantasma da escravidão é uma presença muito forte, guiando as políticas contemporâneas a partir de políticas que definem o normal e o desviante, o bem e o mal. Essas hierarquias vêm se mantendo e se fortificando com o passar dos anos.

Mbembe defende que a escravidão foi resultado de uma necropolítica fundamentada pelo pensamento hegemônico eurocêntrico que impediu e rejeitou muitos anos aos negros o direito de status de seres humanos. Essa convicção errônea resultou em milhares de mortes e, mesmo com a abolição da escravidão, tem reflexos enormes na sociedade.

É possível encontrar na atualidade, estratégias de captura, aprisionamento, exploração, dominação e extermínio do corpo negro, e não apenas dos negros. Quanto mais explorado determinado grupo foi na história, em relação à classe, raça, gênero, etc, sejam mulheres, indígenas ou outras minorias, maior é o poder sobre a vida e a morte desse grupo.

Vários discursos políticos legitimam massacres, extermínios e formas de governo baseadas em regimes totalitários. A partir da ideia de que o discurso representa um instrumento de poder, Mbembe se inspirou em Foucault.

Michael Foucault foi um teórico social, historiador, filósofo, crítico literário, psicólogo e professor francês que ana-



lisou a história da modernidade de forma crítica. Para ele, uma pessoa só conseguiria embasar e fortalecer decisões, ações ou escolhas que influenciam várias pessoas se dominar técnicas e instrumentos que não apenas afirmem, mas também justifiquem tais decisões. Porém, essas técnicas e instrumentos serviram principalmente para práticas autoritárias de segregação, controle e monitoramento até mesmo dos nossos desejos.

O autor, então, elaborou dois termos que serão de muita importância para a obra de Mbembe: a biopolítica e o biopoder. A biopolítica viria a ser a força que regula grandes populações, e não apenas o indivíduo, como eram as práticas disciplinares utilizadas durante a antiguidade e a idade média. Já o biopoder refere-se às tecnologias, e conseqüentemente seus dispositivos que ajudam a ter poder, administrando e controlando as populações por meio principalmente de instituições e um falso conhecimento.

Os biopoderes apoderam-se da gestão da saúde, da higiene, da sexualidade, da natalidade, da alimentação e até mesmo dos costumes de uma população. Os instrumentos do biopoder, dentre eles a Biologia, a matemática, a Economia, e outros campos do saber se tornam fundamentais ao longo dos anos justamente para doutrinar ideias. As sociedades modernas passam a ser política, econômica e socialmente organizadas de forma similar. Todo o saber era delineado para controlar a transformação dos espaços

públicos, aglomerações urbanas, organização da economia, epidemias, organização das cidades e de suas estruturas e até mesmo a manutenção da paz.

Por meio de discursos do Estado, ideias de controle dos corpos, supremacia sobre determinados grupos, purificação da população foram amplamente aceitas com base no poder que estruturas governamentais possuíam. Tais práticas tornaram-se aceitáveis, mesmo visando à rejeição, expulsão e aniquilação desses grupos.

Ao longo da história do Brasil, alguns discursos possuíram o poder de retirar a dignidade e a humanidade de grupos específicos através da desclassificação da pessoa. A ditadura no Brasil foi um destes períodos. Durante 21 anos, o regime autoritário resultou em mortes e corpos desaparecidos. Quando alguém contrário ao regime era preso, torturado ou assassinado, este corpo passava a ser considerado um inimigo e determinava-se que merecia um fim. Esse discurso tinha o poder de estabelecer que fosse aceitável tirar vidas e controlar a população.

A escravidão também foi um grande exemplo. Durante 300 anos de precarização, inúmeras vidas foram tiradas. Isso faz parte da construção e formação da sociedade brasileira. Não sendo necessário ir muito além, seguindo esse mesmo sentido de marginalização de pessoas, a guerra ao tráfico e a criminalidade no Brasil é um modelo atual dos incontáveis discursos de ódio que fortalecem a ideia de que

existem locais onde a população subalternizada não deve ter direitos. Não existe qualquer política de proteção, sendo assim, vidas podem ser tiradas normalmente em prol de uma falsa ideia de bem comum.

Não é necessário ir tão além para entender sobre. No Brasil é extremamente comum a necropolítica nas prisões. A população carcerária sofre com punições severas, privatização da liberdade, baixas condições sanitárias e superlotação das cadeias. Conforme analisado pelo Conjur, só em 2018 foram mais de 1.400 mortes em presídios no Brasil.

Naquelas entrevistas tão simples e até mesmo improvisadas, conheceríamos particularidades de seres humanos que nunca conheceríamos caso não fosse à profissão, compartilharíamos conhecimento e nos emocionariamos com tantas histórias. Conhecer de perto, observar aquela realidade, nos muda por inteiro. Estamos tão acostumados a ter tudo e ainda reclamar, a achar que a vida é injusta conosco, e de repente nos deparamos com pessoas lutando para viver, e ainda assim com um sorriso no rosto.



**1.**

**HODIE**

**A** Paróquia Santo Expedito começou como uma igreja em uma região escondida do Jardim América. Na época de sua construção, o bairro ainda passava pelas primeiras obras básicas de infraestrutura, as ruas não eram asfaltadas e as quadras pouco ocupadas. Apesar do isolamento urbano na região, fruto do recente surgimento de Goiânia, grandes pontos de referência atuais na capital se localizam ali. A igreja foi fundada próxima a uma das principais avenidas da cidade e se localiza em um importante bloco comercial, características que contribuíram para a popularização e tornaram a paróquia conhecida e frequentada.

A Paróquia recebeu esse nome em homenagem a um soldado romano que levava uma vida luxuosa e farta até se converter e seguir os passos de Jesus, motivo pelo qual foi perseguido e morto em 19 de abril, quando se comemora o dia de Santo Expedito. O santo também é conhecido e simbolizado por *"hodie"* que, em latim, significa "hoje" ou "agora". Próximo à conversão, Expedito teve um sonho em que um corvo grasnava a palavra *"cras"*, o instigando a deixar sua vocação para "amanhã". Foi quando ele pisoteou o corvo e disse *"hodie"*. Ao acordar, o santo decidiu que se tornaria cristão no mesmo dia e, por isso, representa todas as causas justas e urgentes. Seu nome está ligado a milagres rápidos ou instantâneos, e possui muitos devotos em todas as regiões do país. Sabe-se, também, que Expedito foi Senador de Roma, Príncipe-Consul do Império Romano na Armênia, militar, Comandante da XII Legião Romana e, mesmo nessa condição, converteu-se ao catolicismo.

### **Meu Santo Expedito das Causas Justas e Urgentes.**

Socorrei-me nesta hora de aflição e desespero, interceda por mim junto ao Nosso Senhor Jesus Cristo.

Vós que sois um Santo guerreiro.

Vós que sois o Santo dos aflitos.

Vós que sois o Santo dos desesperados.

Vós que sois o Santo das causas urgentes.  
Protegei-me. Ajudai-me. Dai-me força, coragem e serenidade.  
Atendei ao meu pedido. (fazer o pedido).  
Ajudai-me a superar estas horas difíceis, protegei-me de todos que possam me prejudicar.  
Protegei minha família, atendei o meu pedido com urgência.  
Devolva-me a paz e a tranquilidade.  
Serei grato pelo resto de minha vida e levarei seu nome a todos que têm fé.  
Santo Expedito, rogai por nós. Amém.

Lázara se tornou grande devota de Santo Expedito. Quando decidiu se unir à irmã e ao cunhado na pastoral da moradia, passava por dificuldades financeiras e familiares, havia acabado de perder o emprego e vivia conflitos com sua fé. Apesar das ásperas condições, sentiu a necessidade de contribuir com o pouco que tinha para o fortalecimento da comunidade e da pastoral. Sua primeira visita a uma das regiões beneficiadas pelo projeto aconteceu em 12 de dezembro de 2017, dia determinado pela equipe para a realização de checagens e acabamentos nas casas recém-construídas. O mês natalino em Goiás passa por uma longa temporada de chuvas de convecção, em grande parte, ocorrem no verão e são ocasionadas por uma estranha combinação entre calor e

umidade. São precipitações inesperadas, geram transtornos urbanos, enchentes e congestionamentos, além de complicar o serviço daqueles que trabalham em obras. Era o caso da equipe da pastoral. O dia foi longo e cansativo para as pessoas que trabalhavam nas casas. Eram homens de fé que deixavam o conforto de suas residências e se dedicavam às construções, mesmo embaixo de chuva, passavam o dia todo erguendo muros e instalando telhados. Durante a visita, os beneficiados precisavam preencher longos formulários para confirmar os dados recolhidos na triagem inicial e participarem das pequenas atividades interativas criadas pela comunidade para fortalecer o vínculo com a fé cristã. Além do suporte material, a pastoral tem como objetivo cumprir o projeto missionário apoiado pela instituição e levar ensinamentos cristãos às pessoas em momentos de dificuldade. Os mutirões são realizados aos últimos domingos do mês, homens e mulheres, jovens e idosos se unem e levam um pouco de alegria e esperança às comunidades em risco eminente de miséria. São fornecidos alimentos, agasalhos, itens de higiene pessoal e diversos outros objetos doados por paróquias da capital.

Lázara parecia incomodada com a situação de vida daquela gente. Por muito tempo não conseguiu entender como



era possível viver em condições tão precárias e, mesmo assim, encarar os obstáculos com tamanha gentileza, sempre acompanhada de um largo sorriso no rosto. Dona Maria mora em uma casa com uma área de serviço e dois cômodos. No dia da primeira visita de Lázara, esperava que a equipe levasse especialmente agasalhos e panos velhos para que pudesse esquentar seus cachorros do frio trazido pelas chuvas. Aos 43 anos, dona Maria vivia sozinha, não tinha marido nem filhos, seus três cachorros eram sua única companhia. A cadela Lica havia parido seis filhotinhos e parecia exausta pela rotina de intensa amamentação e cuidados. Dona Maria, estava vestida com um fino casaquinho de malha e preparava um café no coador de pano quando Lázara se aproximou da casa, atraída pelo cheiro do grão. O bairro não era asfaltado e a lama gerada pela chuva se estendia até a cozinha de dona Maria, que conversava com Lázara sobre o vento frio da noite na região.

Dona Maria nem sempre levou uma vida árdua e solitária, tinha família e amigos, morava em uma casa “ajeitadinha” em um bairro próximo à área urbana, mas se envolveu em situações que a levaram a deixar tudo de lado. O sorriso não escondia o rosto cansado da peleja diária, após anos de sofrimento, o único objetivo de dona Maria era terminar a construção da casa. O “tchau” meio desajeitado e o

olhar distante de quem ainda tinha várias preocupações em mente mostrava alívio, mas refletia o desejo de mais.

A maior parte das famílias que recebem o benefício da pastoral são compostas por mães solteiras com mais de três filhos, mulheres que foram abandonadas por seus parceiros ou que, por algum motivo, tiveram que assumir o sustento da casa. Antes das visitas da equipe, elas viviam em pequenas vilas ocupadas por tendas e barracas de lona, onde várias pessoas em situação de rua se abrigavam ou se escondiam do crime. O fogãozinho à lenha improvisado raramente funcionava, as doações representavam a maior parcela do alimento que aquelas pessoas conseguiriam consumir na semana. Muitas crianças passam o dia sozinhas em “casa” enquanto a mãe sai em busca de algum bico que possa pagar pelo prato do dia. Sem acesso a redes de comunicação ou à escola, se limitam a brincar com brinquedos velhos doados.

Naquele dia, além de participar da primeira visita como membro da pastoral e auxiliar o grupo no mutirão, Lázara também foi uma das responsáveis pela distribuição de brinquedos simples adquiridos pela comunidade durante o ano. Alguns desses brinquedos eram usados, mas estavam em ótimas condições. O projeto realizava campanhas anuais para a arrecadação e marcavam a distribuição pra o mês de

dezembro, quando muitas crianças esperam por um presente de Natal. Algumas famílias não eram beneficiadas pela pastoral e já tinham um lar temporário, mas ainda recebiam algumas doações. Todos precisavam.

A pastoral criada inicialmente na Paróquia Santo Expedito, estendeu seu projeto para outras igrejas de Goiânia, dentre elas a Nossa Senhora das Graças, também localizada no Jardim América, onde, atualmente, Lázara participa. A equipe da pastoral é dividida em grupos que organizam diferentes partes do projeto. Algumas pessoas são responsáveis pelo fichamento da triagem e são elas quem decidem quem terá direito à casa. Outras se dedicam a arrecadação de itens básicos e de dinheiro, que é destinado ao salário de alguns pedreiros contratados para fazer a instalação elétrica. O recurso financeiro também contribui para a realização dos mutirões e compra dos primeiros materiais que serão utilizados nas obras. Essa arrecadação geralmente é feita por meio de eventos beneficentes, jantares e feiras, onde os integrantes da própria comunidade contribuem. Com a pandemia e as medidas de isolamento social, as arrecadações diminuíram. Essas atividades não estavam mais autorizadas a acontecer e as pessoas não participavam mais ativamente do projeto.

A crise econômica na vida dessas famílias que ajudavam nas arrecadações e a insegurança sobre as visitas impactou diretamente àqueles que dependiam da pastoral para se sustentar. O projeto precisou ficar engavetado por um tempo, enquanto isso, mesmo diante os riscos da pandemia, alguns membros da equipe não deixaram de acompanhar essas famílias. Os mutirões foram cancelados, mas o incentivo à doação contribuiu para que não houvesse o abandono total dos beneficiados.

O número de casas construídas pelo projeto também reduziu. Por mês, a pastoral se empenha em erguer uma casinha. Muitas pessoas desistiram de participar das visitas e, principalmente, os homens que ajudavam na construção, escolhiam não se arriscar e ficavam em casa. A residência é simples, possui quatro cômodos, o piso é no cimento grosso e a cobertura na telha térmita. A pastoral busca levantar a parte base da casa, ajuda na fase inicial e tenta impulsionar essas famílias para que, com tempo e esforço, continuem a construção. “A gente vê o quanto precisa abrir o coração para ajudar o próximo. No início, quando eu comecei, estava desempregada e achava que a vida era difícil, mas com o tempo a gente vai vendo que não sofre nada. Nossos irmãos sofrem muito e precisam de ajuda. Se todos nós nos uníssemos para ajudar, muita gente teria uma vida melhor.”, diz Lázara.



2.

**VILA  
ROMANA**

**O** sol escaldante daquela manhã dificultava as atividades da pastoral. Apesar da brisa fresca trazida pelo vento do inverno, esperar pelas checagens do lado de fora das casas era exaustivo, por isso a maioria das famílias beneficiadas convidavam a equipe para entrar e se acomodar nos pequenos cômodos. O bairro Vila Romana localiza-se em mais uma região afastada da capital, mesmo que mais habitado e urbanizado em comparação à outras áreas visitadas, não havia pontos comerciais acessíveis para os moradores. Aos 23 anos, Lidiane foi uma das primeiras beneficiadas pelo projeto, morava com o irmão antes de conseguir a casinha própria. Sua mãe e sua

filha, de apenas 6 anos, a acompanharam na mudança e passaram a viver juntas. A casa construída pela pastoral para Lidiane possui quatro cômodos ainda inacabados, o lote não é tão pequeno e a sombra de uma mangueira traz a sensação de ar fresco e limpo que alivia a secura da região. As ruas ainda não eram asfaltadas também, levavam poeira e sujeira para a casa que, mesmo simples, oferecia conforto e descanso às visitas.

Além da casinha, Lidiane possui um lote na Quinta da Boa Vista que está em seu nome e de seu irmão. Com a ajuda do Auxílio Emergencial, programa lançado pelo Governo Federal para dar suporte a famílias carentes durante a pandemia, Lidiane conseguiu fazer todo o alicerce do lote, mas ainda sim não tem condições de começar a obra. Algumas vezes no mês, ela vai até o local fazer a limpeza e capina boa parte do mato que cresce na região. Por falta de dinheiro, todo o serviço braçal que dará início à construção da nova casa é feito por ela e sua mãe, uma senhora de 74 anos que ainda acumula forças para pegar no cabo da enxada.

O irmão de Lidiane é dono de uma pequena mercearia no bairro e a contratou como auxiliar meses antes da pandemia. Com a intensificação das medidas de segurança e o lockdown, Lidiane deixou de trabalhar para o irmão e passou

a viver de doações e ajuda de pessoas próximas. A renda da família não chega a um salário mínimo, o bolsa família representa metade dos recursos utilizados para o sustento da casa e, ainda assim, não é suficiente.

Rafaeli, filha de Lidiane, passa boa parte do tempo brincando de bicicleta com o vizinho, Henrique, de 6 anos. Os dois sorridentes e receptivos, apostavam corrida pelas ruas do bairro enquanto a equipe da pastoral realizava o preenchimento do formulário de triagem.



Ambos ainda estão na fase de alfabetização e ainda não foram matriculados na escola. Apesar das dificuldades, a casa de Lidiane tem acesso à internet. "A única coisa boa que tem nessa casa, porque o resto tá difícil viu! Se não tiver internet, pelo amor de Deus...", diz.



Lidiane usa o único aparelho celular disponível para a família como ferramenta de trabalho e envio de currículos. Caso o início das aulas da filha seja remoto, o revezamento para uso será impossível e Lidiane não tem condições de comprar um celular só para Rafaeli. Maria José, coordenadora da pastoral, segurava as fichas de triagem atenta a tudo que Lidiane informava. A pastoral da moradia existe há mais de 20 anos e, após a pandemia, passou a levantar uma casinha por mês. Durante a entrevista com a equipe, Maria José percebeu que Lidiane se encaixava no perfil de pessoas que têm direito ao benefício oferecido pelo projeto. Um dos requisitos para a construção da casa é o pagamento de, ao menos, seis parcelas do lote. Ao final da visita e com todos os dados de Lidiane em mãos, Maria José concedeu o benefício à família.

Na época da visita, Rafaeli não via o pai há mais de quatro meses. Usuário de drogas vive nas ruas e não consegue ajudar na criação da filha. “Ele é uma ótima pessoa, mas quando tem as recaídas...Quando tá com a droga na cara não procura saber da menina. Ele sumiu, está desaparecido, ninguém sabe dele”. Lidiane lamenta a situação do ex-companheiro, mas, com sentimento de compaixão, entende que a dependência química destrói todos os laços com o que representava alguma importância na vida do usuário.

“Ninguém é importante pra pessoa quando está desse jeito. Ela deixa de existir”, concluiu.

A avó da menina costuma enviar mensalmente uma ajuda no valor de 100 reais, recurso que dá um pequeno fôlego, mas que, infelizmente, não contribui muito. Com olhar decepcionado, Lidiane não sente falta das relações pré-pandemia, confirma que o isolamento não a afetou tanto quanto a falta de dinheiro, que antes já era uma realidade e agora se tornou um risco para a sobrevivência de sua família. “Ah, a gente não tem muita amizade, então nem saímos de casa pra nada. Eu só saio quando preciso trabalhar. Amigos são poucos, eu sou mais caseira mesmo”.

A linha de ônibus mais próxima fica a 5 quilômetros da casa de Lidiane. Encostada na mangueira estava uma bicicleta roxa descalibrada que Lidiane havia ganhado de uma pastora da região. Rafaeli segurava uma bola de futebol quando o registro foi feito, sorrindo para a câmera com um olhar encantador e inocente pousou para a foto.



# 3. SOPRO

**C**ristiane, 34 anos, mãe de três filhos, também recebe ajuda da pastoral. Após toda a rota, sobrou apenas um pacote de carne para ser entregue à família, e, mesmo assim, era possível sentir o alívio e gratidão da ter a garantia de alimento naquele dia.

Cristiane é tímida e fechada, não se abre muito sobre sua vida e as dificuldades que enfrenta. Percebemos que sua filha mais velha se sentia mais confortável em contar a situação que eles enfrentam dia após dia. Não forçamos a barra, apenas tentamos fazer com que ela soubesse que não estávamos ali para julgar ou criticar. A situação financeira da família piorou após a pandemia. O marido de Cristiane

não tem emprego fixo e faz bicos de jardineiro, e, por conta disso, perdeu muitas de suas demandas durante a crise. “Ele trabalha de jardineiro, né, e tem que ir em condomínio e tudo, e o pessoal não quer, fica com medo, né, porque tá todo mundo com medo.”

É possível sentir o tom de voz cabisbaixo e triste de Cristiane ao falar da incerteza que pode ser o dia de amanhã, da preocupação de se faltará algo para seus filhos na semana seguinte, se seu marido terá algum bico e quando terá. Mesmo recebendo o bolsa família e auxílio, que percebemos ajudar mais da metade das famílias entrevistadas, não há como garantir o pão de cada dia. Aliás, é um dinheiro que vai embora muito rápido pela alta do preço no mercado e custo de vida.

A preocupação com alimentação não é o único problema enfrentado pela família, há anos, Cristiane sofre com um problema grave no coração, e quando a pandemia começou, causando grave colapso na saúde pública, Cristiane já estava na fila para realizar a cirurgia, o que a partir daí, demoraria muito mais. Aliás, ela deixa claro que o procedimento só aconteceu porque ela infartou. “Demorou, mas eles só fizeram porque eu infartei, né. Aí por isso que eles fizeram, se não, não ia fazer e também por essa questão né.



Não deve existir coisa pior no mundo que se sentir incapaz. Ter tanta vontade de conquistar seu espaço, suas coisas, sua independência, seus desejos e simplesmente não poder ir atrás. Além de tudo, a dona de casa não pode ajudar nas despesas de casa

por conta de seu problema de saúde, o que seria mais que necessário do ponto de vista dela. “Eu não posso trabalhar, eu já estava sem trabalhar, o meu esposo faz bico, aí como tem que ficar indo só de vez em quando, né. Quando fecha lá, aí tá... tá parado”.

Entrevistar alguém como Cristiane me fez sentir sortuda. Tão sortuda! Nós podemos ir atrás dos nossos sonhos e objetivos, nada nos prende, tudo pode depender da gente, e existem pessoas que tem que ficar totalmente à deriva do

sistema. Um sistema injusto que exclui, diferencia os seres, oferecem direitos e qualidade de vida apenas para uma pequena parcela da população, enquanto a maioria, vista como minoria, é abandonada em bairros sem asfalto, saneamento básico, tratamento de esgoto e sequer água potável.

É possível ver que aquele bairro ainda possui poucos barracões, que seguem uma estrutura muito parecida. “Tem dois cômodos, esses dois que “tá” coberto, que esse aqui ainda não “tá” coberto, e a cozinha a gente fez no fundo”. Porém, a casinha de Cristiane tinha um toque tão especial. Em um pequeno canto da casa, eles mesmo fizeram um jardim que dava vida e alegria à casa, era perceptível o quanto aquele cantinho era singelo para todos. Era com aquele pequeno jardim plantado e decorado com suas próprias mãos, que eles tinham o sentimento de pertencimento e de acomodação, aliás, aquele era o lar deles.

Ao nos dirigirmos para a entrada da casa, uma família que mora em frente à casa de Cristiane nos parou para pedir ajuda, mais precisamente para a pastora que nos acompanhava. Um homem se aproximou e disse “estou passando fome, minha família está passando fome e não temos nada para comer, apenas água para beber”. Haviam pelo menos quatro crianças naquela casa. A garganta secava e os olhos

enchiam de lágrima por não termos como ajudar naquele momento, dizer não para alguém que tanto precisa é algo que marca nossa vida, dói. Eu admirava a todo momento o trabalho que a pastora tinha. Não eram poucas pessoas, a demanda era imensa, e mesmo assim ela adotava outra família para tentar ajudar, sem pensar nos empecilhos que poderia enfrentar. A maioria daqueles barracos foram construídos e disponibilizados pela igreja, e se não fosse ela, onde essas pessoas estariam vivendo?





**4.**

**QUINTA DA  
BOA VISTA**

**A** capital amanheceu especialmente mais fria naquele sábado, o céu parecia mais cinza e nebuloso do que o esperado para o mês de maio e, ao mesmo tempo, o movimento das ruas estava intenso e conturbado. Uma olhadinha para a habitual feira que sempre ocorria nas manhãs de sábado naquela praça indicava que um novo capítulo da nossa breve história estava prestes a aparecer. Dentro da casa recém reformada e cheia de cômodos, à mesa um desjejum completo era disposto aos convidados. Margarete Pereira se preparava para organizar suas tarefas diárias enquanto oferecia aos visitantes um bom sustento para a força tarefa que viria logo em seguida,

se esquivava a todo o momento de longas conversas e confe-  
riu várias vezes se todos os itens necessários para a missão  
estavam nas pequenas maletinhas que cada integrante do  
grupo carregava.

Lázara Pereira, irmã de Margarete, como sempre carre-  
gava um sorriso de orelha à orelha, enquanto corria para rea-  
justar os últimos detalhes antes de sair. Todos abastecidos,  
após o café da manhã, desceram as longas escadas do sobra-  
dinho e entraram nos carros, levando cestas de alimento e  
formulários para a triagem. O processo nem sempre era fá-  
cil, selecionar as pessoas que conquistariam o sonho da casa  
própria exigia dos organizadores cautela e uma boa análise  
socioeconômica. As irmãs Pereira cresceram em uma pe-  
quena fazenda no interior de Goiás, na cidade de São Luís  
de Montes Belos. Conviveram boa parte da infância, assim  
como suas outras três irmãs, com um grupo de freiras irlan-  
desas que haviam se mudado para o Brasil em missão hu-  
manitária, ensinaram à elas todos os princípios do catolicis-  
mo e da filantropia. Dona Laúde, mãe de Margarete e Lázara,  
sempre foi uma mulher de fé. Ainda jovem, Laúde descobriu  
uma úlcera gástrica que já tomava conta de todo seu trato di-  
gestivo e que só poderia ser tratada através de uma cirurgia  
delicada. Àquela época, os poucos recursos financeiros e a

insegurança sobre a capacidade científica fizeram com que a senhora desistisse da intervenção e passasse a crer na cura. Anos depois, aos 91 anos, Laúde conta sobre uma pequena cicatriz localizada em seu estômago durante um exame de rotina. A marca da cirurgia não feita há várias décadas surgiu como um dos milagres relatados pela família durante sua trajetória religiosa.

Há alguns anos, desempregada e passando por dificuldades, Lázara, a convite de Margarete, decidiu conhecer uma pequena pastoral da Paróquia Santo Expedito. Os encontros semanais uniam famílias que estavam dispostas a ceder tempo e esforço para ajudar pessoas carentes. O grupo tem como objetivo oferecer uma casinha simples para quem não tem onde morar, sua função é impulsionar a busca por novas oportunidades e qualidade de vida. Lázara ficou apaixonada pelo projeto. Se reuniu à irmã e ao cunhado, que já participavam ativamente das construções, e passou a visitar frequentemente comunidades marginalizadas de bairros periféricos de Goiânia. A história de Lázara com a pastoral despertou o interesse do grupo em conhecer a realidade dessas pessoas que, além de não terem onde morar, enfrentavam as consequências cruéis de uma pandemia em um país com raras políticas públicas de igualdade e inclusão.

Todo trajeto de uma extremidade à outra em uma cidade, revelava diferentes cenários sociais. Do clima à infraestrutura, tudo parecia diferente. Do sobradinho recém reformado à área de mata distante na periferia, pessoas e lugares apresentavam características específicas de sua localidade. Lázara, que dirigia um dos carros, contava histórias sobre sua juventude na cidade grande enquanto seu sobrinho, Guilherme, ouvia Madonna no rádio. As vozes, a música e o barulho do trânsito ecoavam como uma confusão rotineira que já não parecia perturbar os ouvidos e a mente. Em meio a tantos semáforos e quebra-molas, o grupo articulava perguntas e critérios para pontuar os principais objetivos das entrevistas e pensava sobre o que esperar dessas “novas” pessoas.

O clima já havia mudado completamente desde a saída, todos estavam ansiosos para chegar no primeiro destino. Era uma casa verde, não muito afastada de pontos comerciais, mas longe o suficiente para abafar o barulho do trânsito. Helena vestia uma roupa fina e fresca, parecia à vontade com a presença de outras pessoas apesar das condições simples em que vivia. Por mais humilde que fosse, ela não estava na lista de pessoas que passariam pela triagem da pastoral, na verdade, fazia parte do grupo e orientou os organizadores

sobre quem na região precisava de ajuda. Maria José, que comandava a missão, levava consigo um caderno de capa dura onde anotava todos os dados necessários para realizar a análise de quem receberia o benefício da casinha. Helena havia indicado uma família carente a alguns metros de seu lote. O território ficava em frente a uma pequena fazenda, havia uma casa rosa, algumas cadeiras de balanço, galinhas e árvores pequenas. O local não tinha muro e era possível ver toda a movimentação dentro dos cômodos.

Após a primeira visita narrada pelo Luiz, o grupo voltou para o carro e separou o que considerava ser principal para compor o trabalho. Dali em diante, esse cenário ficaria mais caótico e estranho, a movimentação e toda aquela poluição sonora simplesmente desapareceram, sobraram apenas o barulho das rodas do veículo e o som do vento que atravessava as janelas de vidro. As ruas já não pareciam levar a algum lugar, comércios e pequenas construções estavam cada vez mais distantes, o matagal e o sol escaldante eram os personagens principais deste enredo. Após várias quadras e lotes baldios, não se esperava que alguma família poderia viver naquela região, até que, de longe, foi possível enxergar um homem segurando uma enxada. Ele parecia cansado e sugado pelo árduo serviço de capinar o lote, mas

recebeu toda a equipe com a cara de quem esperava pela visita. Sua mulher, Cleiciele, apareceu logo atrás e, junto dela, outras três meninas. As crianças seguravam bolas e bonecas e corriam para todos os lados sorrindo e gritando, engajadas pela grande novidade que era receber pessoas diferentes em sua casa. Cleiciele, de 26 anos, é uma mulher negra e vive com seu marido e suas filhas em uma das casas concedidas pela pastoral da moradia. A casa possui apenas 3 cômodos, o chão é batido e ainda não há cobertura além das telhas de barro. As paredes de tijolo recém erguidas ainda soltavam os restos do cimento seco, o bairro não asfaltado levava grande quantidade de poeira para a casa e sujava os poucos móveis de dentro.

Aos 18 anos, Cleiciele engravidou e passou pelo momento mais difícil de sua vida: enfrentar uma gestação indesejada e as constantes ameaças da violência doméstica. Nesse período, a jovem desenvolveu um quadro depressivo profundo e não imaginava que as coisas poderiam melhorar. Com a ajuda da mãe, Cleiciele conseguiu colocar fim ao relacionamento abusivo que mantinha com o pai de sua primogênita e se viu obrigada a deixar a filha sob os cuidados de outras pessoas para que pudesse reconstruir sua vida. A sala da casa onde mora atualmente possui um sofá e uma caixa

de papelão grande, onde guardam todos aqueles brinquedos das filhas, frutos do novo casamento. Algumas pessoas tiveram que esperar fora da casa, pois não havia espaço suficiente para todos. Mesmo que poucos, ainda sim enfrentavam os riscos da pandemia.



Sentada em um banquinho de madeira, Cleiciele parecia acomodada e firme, segura de suas palavras e gestos. Antes de passar pela triagem, vivia com sua família em um barracão, em outro bairro afastado da capital e, após algumas semanas com o aluguel atrasado, foi despejada. Durante o sufoco, ela e seu marido conheceram uma mulher que os ajudou enquanto juntavam dinheiro para alugar outro imóvel. Foi nesse período que o casal conheceu Maria José. Hoje em dia, eles vivem de alguns bicos que o marido consegue, mas com a pandemia tudo piorou. O marido de Cleiciele



lutava em um processo judicial para conseguir de volta sua carteira de trabalho, presa há mais de três anos. Por falta de recursos, a família não conseguia pagar um advogado para encaminhar a defesa e restituição de seus direitos. Os quatro membros vivem de cestas básicas e pequenas rendas de conhecidos. A instituição onde suas filhas faziam balé antes da pandemia envia vez ou outra um cheque no valor de 100 reais para contribuir com sustento da casa. Quando a ajuda não vem em dinheiro, vem em kit higiene.

Cleiciele precisou ficar em casa durante a pandemia por não ter com quem deixar suas filhas. O custo de uma babá não compensava o valor do salário, todo o dinheiro teria que ser destinado à cuidadora. Todas suas três filhas, inclusive a mais velha que vive com a avó, continuaram os estudos pelo regime online, mas não está sendo fácil. O acesso à internet é extremamente limitado. Quando o marido ainda conseguia alguns bicos, roteava para Cleiciele que auxiliava as meninas durante as aulas, mas com a falta de dinheiro não é possível pagar por um plano. Muitas vezes, a mãe e as crianças precisam andar à pé por mais de duas horas até a escola e pegar todo material de estudo que está em atraso. O escalonamento previsto como medida na pandemia dificultou ainda mais esse processo. Como Cleiciele não tem acesso à rede

móvel, não consegue se informar sobre quais dias a escola estará funcionando e acaba fazendo todo o trajeto em vão.

As filhas de Cleiciele acompanhavam todas as perguntas empolgadas e não pareciam abaladas pelo trajeto escolar. Antes, ambas realizavam outras atividades, como balé e futebol. Era possível enxergar nos pequenos olhinhos a paixão pelo esporte de campo, elas corriam pelos pequenos cômodos da casa e criavam partidas imaginárias enquanto todos se empenhavam em registrar as dificuldades da família. Com o agravamento da disseminação do vírus, Cleiciele também teve abrir mão de atividades importantes do seu dia a dia, como sua vida profissional e suas seções de fisioterapia. Apesar das restrições oriundas da pandemia, a família teve que se expor a todo momento. Como o local onde moram é muito afastado de centros comerciais, as compras mensais precisavam ser feitas em mercados distantes, o que exigia o deslocamento até pontos de aglomeração e risco. O transporte público também é precário na região, apenas uma linha de ônibus passa de duas em duas horas em um ponto a 5 quilômetros da casa.

A filha mais nova de Cleiciele, *Joana*, possui comorbidade. Apesar de sua euforia e aparente saúde física, a menina tem bronquiolite, doença que acomete os brônquios do

pulmão, órgão muito afetado em casos graves de Covid-19 e, mesmo durante o período de isolamento, teve que continuar o tratamento no pediatra. O marido também apresenta condição de agravamento. Ele adquiriu problemas respiratórios após trabalhar sem equipamentos adequados em uma empresa de ferro, que faliu e não o indenizou. Durante a noite, as crises de asma do marido de Cleiciele são mais intensas e perigosas, mas o remédio para o tratamento ficou indisponível na rede pública e os médicos não são autorizados a passar a receita. A mãe de Cleiciele é hipertensa, é a responsável por sua filha mais velha que, apesar de reconhecê-la como mãe, mantém uma relação mais amorosa com a avó. Já o pai de Cleiciele é diabético, trabalha em uma empresa de carvão em uma cidade no interior do estado. No início da pandemia, o desejo dele era voltar para Goiânia e passar um tempo isolado com a família, mas os bloqueios rodoviários não permitiram a viagem.

Cleiciele cultivava um carinho especial por diferentes espécies de plantas, em seu pequeno jardim, cuida de ervas medicinais e algumas flores do cerrado. Mesmo diante dessas dificuldades, ela estampa toda a alegria de uma pessoa disposta a lutar por melhoras na qualidade de vida e por oportunidades para suas filhas. Com um grande sorriso no

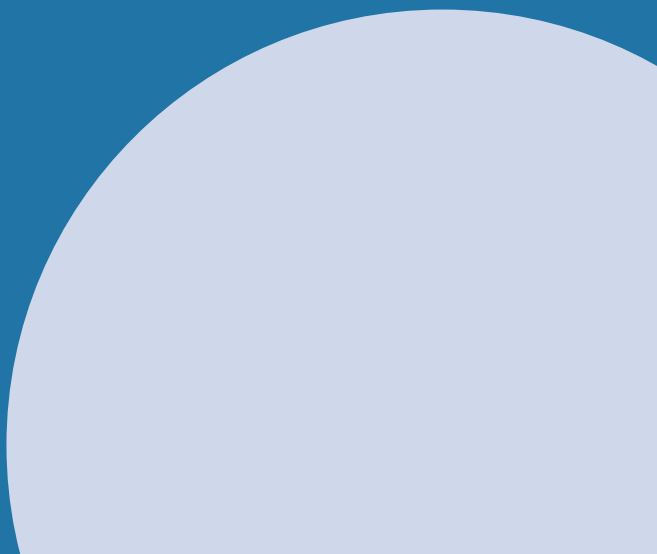
rosto, Cleiciele saía da casa e se abraçava com as filhas, em um gesto de ternura e leveza que pouco refletia a angústia de uma situação tão sofrida. Com a força de uma mulher guerreira, matinha os olhos inundados e as lágrimas estáticas para um último registro. Na foto, Cleiciele e suas filhas se divertem e se despedem da equipe.

**5.**

**CAMINHOS**

**ATÉ O**

**PRESENTE**



Com a ajuda da Coordenadora do projeto, selecionamos algumas famílias para visitar, sem muito roteiro pronto, fomos querendo saber da vida de cada um, para que isso tudo entre em contexto com o que estávamos passando no momento. Sentimento de pânico, pois os casos de Covid-19 estavam aumentando cada vez mais, e a vacina ainda estava chegando no Brasil. Nossa primeira parada foi na casa de Rui e de sua esposa Andrea. Como era nossa primeira entrevista, não sabíamos muito o que abordar e como chegar nos assuntos que precisávamos, mas a conversa foi fluindo.

O setor era a Vila Romana, nunca tinha passado por este local, mas ao chegar à casa de Rui, percebi que a família toda foi bastante solícita em nos receber, dispostos a contribuir com o trabalho e com o que nós tínhamos para aprender. A casa era simples, tinha três cômodos e o chão era de terra. No lote, tinham mais duas casas dos irmãos de Rui, que viviam com suas famílias. A primeira coisa que ele nos conta é sua origem, onde nasceu e como chegou até Goiânia. “Eu nasci no Maranhão, Só que meu pai viajava muito, meio que praticamente um nômade, cigano... Então do Maranhão nós fomos pro Tocantins, em Araguaína, de lá a gente mudou para umas três cidades. E ele veio pra cá fugido da minha mãe, minha mãe nova, no Maranhão é meio normal essas coisas, meu pai tinha 69 anos e minha mãe tinha 19, pra você ter ideia da diferença de idade. E ele fugiu pra cá e minha mãe veio atrás, ele fugiu e ela veio, ela poderia ter vivido a vida dela, mas ela decidiu vir, não quis abandonar”.

Ele conta um pouco sobre a relação entre seu pai e sua mãe, que, aparentemente, era um pouco conturbada. Segundo Rui, sua mãe se casou novamente, e mora nos fundos da casa do lado. Sobre seu emprego, ele conta que é funcionário da prefeitura, trabalha para a coleta seletiva, mas que somente a renda deste serviço não dava para sustentar sua

família. Segundo ele, o dinheiro da somente para pagar a energia, água e compras básicas. Antes da pandemia, Rui trabalhava como garçom. “Era o que me sustentava, eu fazia ela (esposa) trabalhar como garçom também, para me ajudar, era o que dava o complemento até pra gente poder pensar em fazer algo além de só comer né?”.

Dentre umas das maiores perdas durante a pandemia para a família, estava o lote que ele havia comprado para conseguir mudar e ter uma vida melhor com as crianças e a esposa. Porém, com a falta de serviços extras, ele não conseguiu pagar as parcelas e acabou deixando atrasar, e, na época, ele não sabia mais do andamento da compra.

“O lote é ali perto da Serra da Conquista, provavelmente eu perdi ele. eu meio que fiquei com vergonha de atrasar demais as prestações, e como é que faz agora né, porque o que complementava mesmo era esse serviço de garçom, porque cada extra era em média, cerca de R\$ 180,00, e quando a gente viajava para as outras cidades daqui de Goiânia, aí o preço era maior, então isso complementava, com certeza, era uma ajuda. Acabaram os eventos e desde o ano passado já vem capengando, então eu já estava tendo que tirar boa parte do meu salário para complementar a valor do lote, aí a gente chegou a passar meses sem fazer compras, aí como





às vezes vem um pessoal aqui, eles davam cestas para o pessoal, e estava no bolo todo, aí minha mulher ia e pegava, foi o que deu uma complementada e tava cambaleando de um canto para o outro, até que eu falei que não ia deixar de comer para pagar lote”.

Para que Rui pudesse seguir em frente com o seu lote e a construção da casa, ele havia combinado com os seus irmãos que cada um comprasse uma parte dos materiais de construção para levantar a obra. Mas, com a inflação e o aumento em quase todos os setores da economia, os materiais também ficaram mais caros que o normal, e eles não conseguiram arrecadar o dinheiro necessário para que pudesse finalmente levantar a casa.

Um dos momentos mais marcantes da entrevista foram os posicionamentos políticos de Rui. Pelo que ele falava e

nós íamos caminhando na conversa, era notória a insatisfação com o Governo atual e tudo o que está influenciando a pandemia ficar ainda pior. Rui acredita que o aumento das contas domésticas, principalmente água e energia, têm relação com o momento político, e em vários momentos ele justifica as dificuldades passadas pela família no Governo atual. Nos primeiros meses da pandemia, Rui (e quase todo mundo) acreditou que seria por alguns dias. “O povo até comprava máscara fashion né? No início, todo mundo achava que era uma coisa rápida, não tinha noção, e aí todo mundo comprava máscaras para combinar com as roupas, entendeu? Todo mundo achava que seria uma coisa rápida, no início ninguém deu muita bola, mas aí foi vendo o que foi passando, e parece que o pessoal gostou desse lockdown né”.

Dentre os assuntos que poderiam ser abordados, estava a perda de amigos e parentes. É muito delicado para muitas pessoas tocarem nesse assunto, e quando foi citado, foi visível que a Andrea, esposa de Rui, ficou bastante emocionada. Os olhos dela encheram de lágrimas, foi difícil para continuar.

Andrea contou que perdeu o tio dela de uma maneira dolorosa. Ela não quis continuar no assunto e percebemos que era algo bastante delicado, ela preferiu contar somente o básico: que ele ficou entubado e que era acima do peso.

Ela acredita que a obesidade pode ter sido um dos principais problemas para a doença agravar no organismo do tio. Quando questionamos Rui se eles haviam pegado a doença, ele disse que sim, e que uma das maiores dificuldades foi cuidar dos filhos nessa situação. Ele também criticou o tratamento, pois parecia ineficaz na sua visão.

“Nenhuma criança pegou, e ali é junto, a cama nossa é aqui, e a delas são do lado. O médico falou pra colocar as crianças em um cômodo separado, vocês tem que se isolar em um cômodo, mas olha nossa realidade, nós só temos dois cômodos, o pessoal não percebe a realidade do mundo, eles vivem numa bolha, sei lá... Eu até ri disso, quando eu escutei, eu comento em tom de brincadeira com todo mundo. Não é por aí, a gente tem que observar bem a realidade de cada um. Os médicos passam dipirona pro tratamento né... Eu estou com um vírus que ataca meu pulmão e os caras vão dar dipirona? Pelo amor de Deus”.

Quando saímos na rua para ver a realidade das pessoas e saber das histórias de cada uma delas, percebemos que, mesmo elas enfrentando problemas, nunca perdem a solidariedade. No final da entrevista, Rui contou que achava difícil o que eles estavam passando, mas que sempre tentava ajudar de alguma forma as pessoas que estavam em momentos piores.

Saindo da casa do Rui, ficamos impressionados como a família é educada, e mesmo com todas as dificuldades e da falta de tempo, foram solícitos em nos receber e dar a maior atenção possível. Havíamos pedido para tirar algumas fotos da frente do lote onde eles moravam, e uma coisa



que me chamou muito a atenção era a felicidade das crianças que brincavam no quintal enquanto conversávamos. É muito interessante ver toda a ingenuidade de cada uma delas e perceber que sempre existe uma forma para sorrir.



**6.**

**BOTEQUIM**

**A** região central de Goiânia habita todas as realidades de uma área urbana e comercial. É possível encontrar qualquer item para consumo, desde equipamentos mais sofisticados e modernos até as mais antigas coleções de lojas centenárias da capital. A projeção das ruas largas do bairro mais antigo de Goiânia tinha o objetivo de se diferenciar das conhecidas ruelas da cidade de Goiás, até então, capital do estado. Referentes ao estilo arquitetônico francês, as grandes avenidas Araguaia, Goiás e Tocantins abrigam pontos de embarque para moradores e visitantes que buscam conhecer um pouco mais sobre os aspectos urbanos da cidade.

Os primeiros moradores da capital eram, em sua maioria, funcionários públicos que vieram da cidade de Goiás. O centro abrigou famílias tradicionais que deixaram seu legado e sobrenome na história do estado, mas, hoje em dia, conserva a pluralidade da população goiana entre os mais jovens e antigos anfitriões. A região era como uma cidade do interior, tinha poucas lojas, apenas o Cine Santa Marta e o Cine Teatro Goiânia compunham o cenário cultural e artístico. Apesar da tranquilidade de “campo”, distante do que conhecemos hoje na metrópole, as falhas na infraestrutura perturbavam a população. O setor integrava pequenos bairros ao seu redor, o que contribuiu para o surgimento de rodas de conversa, as matinês e os encontros na praça principal. Atualmente, assim como qualquer centro urbano, a região conserva a correria comercial durante o dia, mas leva o silêncio e a insegurança de uma cidade inabitada durante a noite.

A capital goiana foi pensada e projetada para ser um amplo centro político e administrativo do estado e, com o tempo, atingiu patamares surpreendentes de desenvolvimento urbano. As ruas movimentadas e o barulho do trânsito não limitam o acesso à tranquilidade e à harmonia de uma das cidades mais arborizadas do país. Andar pelo centro de Goiânia é reconhecer a cada esquina a solução para proble-

mas burocráticos, encontrar bugigangas e smartphones em uma mesma loja e, de quebra, fazer um lanchinho especial caseiro. Tudo funcionando a todo vapor, do nascer ao pôr do sol e, principalmente, cumprindo um importante papel econômico. O centro é como uma gigantesca loja física de compras online, característica que, durante a pandemia, afetou drasticamente a rotina e o estilo de vida das pessoas que trabalham na região. Por ser um local aglomerado, as grandes e pequenas lojas sofreram os impactos das restrições e medidas sanitárias contra a Covid-19 mais do que outros comércios de Goiânia.

A loja de cosméticos e produtos onde Elis Regina trabalha perdeu mais da metade de consumidores para a época do ano. Vários fatores influenciaram na queda. Além da redução do número de pessoas circulando pelo centro, até mesmo o uso de máscaras para proteção acabou influenciando na compra de produtos de beleza, como batom. Elis Regina é funcionária da loja há dez anos e trabalha como atendente junto à outra mulher. Todos os decretos de lockdown foram obedecidos pelo proprietário, ao longo de um ano e meio de pandemia, o comércio teve que ser fechado mais de três vezes.

Em 2020, a loja passou quatro meses de portas fechadas. Apesar do atendimento online, o baixo poder de compra dos



brasileiros não contribuiu muito. A única fonte de renda de Elis Regina vem da loja, que possui apenas um ponto de distribuição físico na capital. Aos 48 anos, Elis ainda não havia sido vacinada, mas se expunha todos os dias ao risco que a pandemia oferece para os comerciantes. Como trabalha de carteira assinada, ela e a outra funcionária não tiveram direito ao auxílio emergencial. “A loja só conseguiu se manter por que a proprietária teve capital”, disse. Elis recebe por comissão. Manter a postura que uma vendedora deve ter frente aos clientes para realizar a venda foi uma das tarefas mais difíceis. Os problemas financeiros e o constante medo da demissão fizeram com que Elis perdesse as esperanças sobre o fim da pandemia. “A pandemia não vai acabar, ela vai diminuir. Depois da vacina a gente pode tentar voltar ao normal”.

Novas táticas precisaram ser usadas nessa etapa de vendas de cosméticos durante a pandemia. Os lábios precisam estar escondidos por baixo da máscara de proteção e as mulheres passaram a investir mais em produtos que realçam traços nos olhos. No início da pandemia, e com a intensificação dos cuidados dentro de casa, os brasileiros não se preocuparam tanto com a estética. Mas o prolongado período de crise sem fim fez com que esse pensamento se adaptasse a novas rotinas de beleza.

**7.**

**A PANDEMIA**

**NÃO**

**ENXERGA**

**O AMOR**

**E**m meio às histórias vividas por muitas donas de casas, comerciantes e profissionais, uma das que mais chamou a atenção foi a da babá Márcia. Ela sempre foi uma grande amiga da minha mãe e vizinha minha. Um dia, perguntei a ela se eu poderia conversar com ela para um trabalho da faculdade, pois já sabia parte de sua história e acreditava que poderia acrescentar grandiosamente para o trabalho.

Quando chegamos para a entrevista, Márcia foi muito educada, nos apresentou seu gato e ficamos à vontade na casa dela, para começar a entrevista. Ela parecia bem tímida, e sentimos logo no começo que não queria expor muito os seus problemas, mas aos poucos foi se soltando.

Com seus 53 anos, ela vive sozinha e mora de aluguel. Consegue sobreviver com a ajuda dos vizinhos e amigos que sempre tentam pagar parte das suas dívidas, pois o salário que ela ganha olhando crianças mal dá para comprar os seus remédios. Seu problema de saúde é grave, e não existe nenhuma assistência médica, pois pela falta de condição e pela pandemia, tudo ficou mais difícil. “Eu tô lutando pra aposentar, né? Ai tô esperando, só o negócio da aposentadoria, que até agora não saiu. Eu trabalhava de doméstica, mas tive que parar por conta da minha doença, eu tenho dormência nas pernas e artrose”.

Márcia comenta que faz dois anos que ela não vai ao médico, mesmo com seu problema de saúde agravando, ela não tem condições de manter um tratamento para a artrose. Durante a entrevista, percebi diversas vezes ela desviando o olhar, como se tivesse desconfiada de algo, ou com medo de falar algumas coisas que ela poderia ter vergonha, mas continuamos tentando ao máximo puxar assunto para saber mais de sua história.

Quando perguntado se ela confia em trazer as crianças para a sua casa, Márcia afirma que quem deveria ter medo é ela, pois nunca sabe para onde as mães levam os filhos, já que ela não estava saindo de casa. “Esses dias pra trás veio

um gripado, eu peguei uma gripe que quase....” Quando questionada sobre as crianças dentro de sua casa.

Ela tem dois filhos, mas nenhum mora com ela. A saudade que ela sente é grande, mas ela prefere não arriscar, já que estava em um grupo de risco. “É, tá vendo que a gente tem que pensar não só na gente, né? Tem que pensar é nos outros, tô vendo que tem muitas pessoas que não tem o que comer né, de alimentação, se eu pudesse, ou tivesse, eu ajudaria também, mas é muito difícil a gente ver outras pessoas passando fome, crianças passando fome por causa desse negócio, desse trem”.

Por um momento da entrevista, Márcia revela mais sobre seus ganhos mensais. “As contas, a alimentação, assim... Meu dinheiro dá pra pagar água, energia e aluguel, porque, com a pandemia, quem que vai trazer criança, se não tem dinheiro para pagar? Eu tô só com dois meninos, de um eu cobro R\$250,00, do outro cobro R\$ 400,00... Pago R\$ 600,00 de aluguel, tenho os remédios para comprar. Não consigo nenhum remédio meu pelo SUS, tenho que dar graças a Deus que minha patroa me ajuda a comprar dois deles, um de R\$ 150,00 e o outro de R\$ 180,00”.

Somente no final da entrevista, Márcia revela que recebe ajuda das pessoas que moram por perto. “Algumas pessoas compram pra mim, eu estou ganhando cestas básicas,

sabe? Então são as pessoas que trazem”. Ao final, quando ela despediu de nós, disse que poderíamos contar com a sua ajuda para o que precisarmos. Quando finalizei todas as entrevistas, lembrei dessa parte e pedi que conversasse com ela, para saber como estava o andamento do seu problema de saúde, e sobre tudo que aconteceu durante os meses de apuração e finalização das entrevistas.

“Eu estou melhor de saúde, finalmente consegui me consultar com alguns médicos, depois de alguns meses tentando, estou me sentindo muito melhor. Consegui tomar a primeira dose da vacina, e agora estou trabalhando de carteira assinada em um restaurante aqui perto, sou auxiliar de cozinha. Graças a Deus minha vida conseguiu andar um pouco enquanto essa pandemia dava uma diminuída, né? Vi meus dois filhos, eles estão bem, saudáveis e acho que a partir de agora, vou conseguir ver eles mais algumas vezes”.

Enquanto Márcia me atualizava via ligação, eu senti uma energia muito positiva, não consigo explicar muito bem, mas um sentimento de gratidão, porque acredito que algumas vidas estão seguindo rumos melhores, por mais que ainda temos vários empecilhos que estão acima de nós, o momento é acreditar que melhores coisas possam vir e finalmente mudar todo o cenário de crise sanitária.

**8.**

**O CENTRO**

**NO AUGE**

**DA CRISE**

**Q**uando decidimos expandir os entrevistados, pensamos que uma das piores situações enfrentadas no momento seriam as dos comerciantes. Resolvemos tirar um dia para visitar o centro da cidade e colher informações valiosas sobre o que as pessoas estavam conseguindo absorver de todo o caos vivido no país. Neste dia, ainda não estávamos 100% confiantes em entrevistar pessoas, recebemos muitos não, pois sabíamos que os comerciantes estavam ali para trabalhar e que, por mais que queiram ajudar, talvez não conseguiriam.

Andamos muitas ruas, avenidas e esquinas atrás de pessoas que pudessem nos ajudar. Visitamos o Mercado Central, olhamos lojas de roupas, calçados, alimentação e



livrarias, percorremos a manhã inteira em busca de pessoas que pudessem nos dar algumas informações sobre como estava o local de trabalho. Durante o caminho, percebi que muitas lojas estavam fechadas. Naquele momento em que resolvemos ir, estávamos enfrentando o segundo lockdown, e, talvez, por isso foi bastante difícil encontrar pessoas que pudessem falar sobre o que estava acontecendo no mundo. Lembro que ficamos até um pouco assustados, achando que poderia estar tudo fechado por conta da crise, já que tinha muito tempo que nenhum de nós três saíamos para visitar o centro, coisa que fazíamos corriqueiramente.

Quando entramos no Mercado Central, nossa primeira reação foi de espanto. O movimento estava muito mais baixo que o normal. Tentamos falar com uma banca de tabacaria que fica bem na entrada do mercado, mas não conseguimos nenhum retorno. Então, a Laura lembrou de um senhor que sempre vendia laticínios para o avô dela, e resolvemos falar com ele.

Seu Eurípedes tem 57 anos, estava com seu ajudante no momento em que fomos lá. Como o movimento estava baixo, ele conseguiu falar conosco tranquilamente. Ele contou que tiveram que fechar a loja por 50 dias e, conseqüentemente, ficaram sem nenhum tipo de renda para manter as necessidades de sua família.

“Não tivemos renda, só despesas, uma atrás da outra, não trabalhamos com delivery, então foi muito difícil manter. As contas continuaram chegando, aluguel, tudo... e não teve como fazer”.

Quando perguntamos sobre os funcionários e as demissões, seu Eurípedes disse que estava conseguindo manter o quadro de funcionários. “Como a loja é pequena, é só eu e ele então deu pra manter, aqui, pelo menos, isso foi tranquilo”.

Nesse aspecto, na nossa visita ao Centro, notamos que muitos funcionários foram demitidos de grandes lojas, justamente pela falta de clientes, falta de movimento e falta de dinheiro. Foi um momento assustador para milhares de pessoas que dependem das vendas para sobreviver, por isso decidimos falar com esse grupo também na hora das entrevistas, pois era fundamental que ouvíssemos todos os lados de quem estava sofrendo com todas as limitações de um período sombrio.

Eurípedes conta que o movimento da sua loja caiu cerca de 80%. A loja dele é basicamente de frios, comidas secas e molhadas, farinhas e queijos. Segundo ele, desde 1985, quando a loja foi inaugurada, nunca tinha acontecido algo parecido como agora.

Algo que me chamou a atenção em quase todas as pes-

soas que falamos, foi que praticamente todas as pessoas disseram que aquele momento era o pior de suas vidas profissionais. Muitos comerciantes acreditam que fechar as portas de seus trabalhos não adiantou de nada para o combate da pandemia, e mesmo que várias pesquisas comprovem que o lockdown é fundamental para evitar que o vírus se espalhe, infelizmente dá para entender a revolta desses comerciantes.

Sobre a pandemia dentro da família, Eurípedes conta: “Eu peguei Covid, a minha esposa, os meus dois filhos, meu genro, tem 15 dias que o cunhado da minha esposa faleceu. Eu peguei o vírus aqui, com o contato com as pessoas, aqui tem muito fluxo de pessoas. Pra mim, fechar o comércio não adiantou de nada, pra mim não, não ganhar é pior. Você segura para um lado e a pessoa tem que comer né, como que faz? Às vezes, você segura na saúde e mata a pessoa de fome, então, não deu certo. O meu caso foi mais assintomático, não tive problema respiratório, foi mais questão de paladar, dor no corpo, não sentir o gosto, não foi nada grave, foi mais leve”.

Perguntamos também sobre o Kit Covid, se ele havia tomado algum desses remédios que na época ainda estavam em alta. “Tomei somente ivermectina e azitromicina, só to-

mei esses dois só. Eu tomei a ivermectina por duas semanas, tomei dois comprimidos em uma semana e dois na outra. Tomei uma caixa de azitromicina.”

Também comentamos sobre prescrições médicas, se era seguro ele tomar esses remédios sem nenhum acompanhamento profissional. “A minha irmã trabalhava na farmácia do cais do Nova Era, aí a médica falou pra ela pedir para seus parentes tomar esses remédios, assim e assim... Que se caso pegar Covid não vai ser tão grave. E, graças a Deus, não foi”.

Na época, Eurípedes ainda não tinha se vacinado, estava esperando o pessoal das comorbidades, mas também perguntamos se ele ficava com medo de toda essa situação, por estar não estar vacinado e estar trabalhando. Para ele, isso não era um problema, ele não tinha medo.

Acredito que o maior medo das pessoas que trabalham no comércio é ficar sem levar o alimento para casa e para suas famílias. Por isso, era muito difícil encontrar alguém que se dizia amedrontado com toda a situação. O maior medo deles era voltar a ficar sem emprego e sem renda. Infelizmente, essa é uma situação que milhares de pessoas ainda passam e não se sabe ao certo o quanto isso vai durar.



**9.**

**LOJAS**

**FECHADAS**

**E SONHOS**

**DESTRUÍDOS**

**A** decisão de ir na Rua 44 para entrevistar o restante dos comerciantes que faltavam veio quase de imediato. Na nossa cabeça, seria fácil conseguir com que eles falassem ou relatassem tudo que estavam sentindo naquele momento, e tudo parecia estar funcionando da maneira como deveria ser. Acontece que, nem sempre o que imaginamos é uma realidade, foi muito difícil fazer com que existisse confiança entre nós e os entrevistados, demoramos cerca de horas até achar a primeira senhora que iríamos conversar.

Tentamos falar com todo tipo de gente. Quando chegamos no local, vazio por ser um dos maiores centros de comércio do país, mas ainda sim cheio, pela situação pandêmica

no momento em que fomos lá, nos deparamos com vários tipos de pessoas em diversos status diferentes: tinham os ambulantes, que aglomeravam na rua sem ter um tipo de loja física; os feirantes que ficavam do outro lado da rua, as lojas de esquina e as grandes galerias que poderíamos entrar e verificar como estava a situação.

Percorremos por todas essas condições até percebermos que precisávamos de uma estratégia para seguir em frente. Resolvemos ir atrás de pessoas que estavam com suas lojas mais vazias, sem nenhum cliente, mas quando falávamos que éramos universitários, e principalmente, de jornalismo, as pessoas corriam.

Tentamos falar somente com idosos, mas também não deu certo, muitos não sabiam nem para que servia o trabalho que estávamos tentando abordar, outros simplesmente nem respondiam. Até que resolvemos falar com todas as pessoas possíveis que apareciam na nossa frente, depois de horas tentando algum tipo de contato.

Chegamos lá por volta das 8 da manhã, e me lembro que conseguimos a primeira entrevista por volta das 10 da manhã. Tentamos até no Araguaia Shopping, que fica na mesma região, mas lá foi mais difícil ainda de conseguir algo, como o imaginado.

As galerias vazias e com dezenas de placas escrito “vende-se” ou “aluga-se” nos fez perceber ainda mais a realidade em que estávamos vivendo. A crise financeira afetou completamente todos os setores da economia, influenciado pela pandemia, mas não só por ela, como pelo Governo atual que corroborou com muitos pontos para que chegasse nesse nível. Por onde andávamos, víamos panos pretos cobertos pelos quiosques e dava muita tristeza só de olhar. Tinha alguns corredores que passávamos, que parecia algo abandonado, dava até um pouco de medo de ficar em algumas galerias, pois realmente parecia que não tinha ninguém e estávamos lá sozinhos.

Ruas quentes, dia ensolarado e manhã intensa, essas palavras marcaram toda nossa busca nesse dia. O polo de vendas daquela região é um poderoso ponto turístico da cidade, existem milhares de variedades, não só em vestiário, mas como produtos de beleza, higiene, eletrônicos e muitos outros. Não podia faltar esse lugar, depois que fomos ao centro, vimos que existiria a possibilidade de explorar mais desse pessoal que foi tão prejudicado pela crise sanitária. E mesmo que, de certa forma, é possível entender toda a revolta dos comerciantes, é impossível não se preocupar com a saúde deles, de quem frequenta o local e de todas as pessoas que podem ter algum tipo de contato com eles.



Nesse mesmo dia, conseguimos ver muitas pessoas que não usavam nenhum tipo de proteção, seja ela as máscaras, o álcool em gel, e até o aparelho que mede a temperatura das pessoas. Ficamos preocupados por estar lá, mesmo sabendo que estava tomando todas as medidas necessárias. Foi o último lugar que visitamos antes de encerrar essa etapa, e vimos que, mesmo com todos os conteúdos que tínhamos adquirido, cada história era única e transformava todo o nosso esforço em algo necessário. A necessidade de contar para as pessoas relatos como esses reforça o motivo pelo qual o jornalismo é uma ferramenta tão importante para uma sociedade no geral.

Depois de muito procurar nas ruas da 44, finalmente encontramos alguém que decidiu falar conosco. Lá, o cenário era muito difícil, entramos em uma galeria, onde a maioria das lojas estavam fechadas, fomos mais a fundo e vimos uma senhora sozinha, rodeada de lojas vazias e sem nenhum cliente por perto, resolvemos ir falar com ela para saber como ela estava se sentindo durante todo esse tempo.

Maria Abadia é uma senhora muito humilde e educada, ficamos surpresos da forma positiva que ela nos tratou, depois de levar vários “nãos”, finalmente alguém topou conversar um pouco, e lembro que foi uma surpresa muito agra-

dável. Perguntamos de tudo um pouco pra ela, desde sua situação na pandemia até sobre os itens que vendia na loja.

“Aqui, na 44 acho que tem mais ou menos 14 anos que eu trabalho, e de todos os momentos que eu vivi aqui, com toda certeza esse está sendo o pior, não existe, desse jeito aqui eu nunca passei não. Eu pago um aluguelzinho, quando estava fechado, faz poucos dias que eu estou aqui, aí eu não tô sabendo responder, agora no momento eu não tô sabendo responder, porque eu fiquei mais em casa entendeu, não vim pra galeria, a gente ficava em outra galeria ali”.

Maria conta que o que ajudou ela foi sua pensão. Ela disse que ficou parada por muito tempo dentro de casa, e que não recebeu nenhuma ajuda do Governo durante todo esse tempo que ficou desamparada.

“Ô minha filha, estava bem perto de um ano viu, que eu fiquei sem trabalhar, faz pouquinho tempo que eu mudei para esta nova galeria, ali na outra que eu estava, já fazia um tempão que estava fechada né, aí a gente... agora que eu aluguei aqui, entendeu? Eu acho que essa epidemia que está tendo, o pessoal tá com medo de andar, deve ser isso, entendeu? Mas ao mesmo tempo, tem muita gente na rua, sempre tinha, aqui né”.

Maria estava muito contente, pois ela tinha vacinado

no dia anterior desta entrevista, da AstraZeneca. Segundo ela, nenhum de seus familiares ou a própria, pegaram a doença. Em todos os momentos que conversávamos com ela, Maria não parecia ter tanta esperança que a pandemia ia passar, para ela, ainda iria voltar a ter um novo lockdown, e o movimento não iria voltar a crescer. A desesperança no olhar e na fala das pessoas era uma coisa que me deixava triste, parecia que as perspectivas que tinham criado com seus empreendimentos tinham ido por água abaixo, por uma série de questões que já foram citadas, como o dinheiro, a falta de clientes, a falta de esperança e até a saúde mental.

Ao final da entrevista, Maria disse que o movimento caiu quase 100%, e que a única coisa que ainda fazia sua loja estar de pé era sua pensão, pois, segundo ela, se não recebesse essa ajuda, já teria fechado as portas.

Agradecemos a Maria de todas as formas possíveis, pois sentimos uma imensa gratidão por ela ter topado falar conosco. Estávamos prestes a desistir de tentar alguma entrevista na região da 44, pela dificuldade e desconfiança que os comerciantes sentiam em falar, principalmente quando citávamos que éramos estudantes de jornalismo.

De alguma forma, acredito que muitos acham que estudantes de jornalismo querem fazer denúncias, ou mostrar

algo que estava errado, fora da lei. Logo que nos apresentávamos, os comerciantes ficavam até com um pouco de medo em continuar a conversa, achavam que nós poderíamos prejudicar eles de alguma maneira. Foi certamente, o dia mais difícil que tivemos enquanto preparávamos nosso material.

**10.**

**ENTRE A**

**ENFERMAGEM**

**E A COVID**

**G**abriel Ferreira Vaz tem 25 anos, recém-formado em enfermagem e com um futuro próspero pela frente. Porém, ele nunca imaginou os desafios que iria vivenciar na sua profissão nos últimos tempos. Desde pequeno ele sonhava em fazer algo relacionado à saúde, tentou por algum tempo o tão sonhado curso de medicina, com as rotinas exaustivas de estudos intermináveis, mas, infelizmente, o aluno que sempre estudou em escola pública não conseguiu atingir seus objetivos para ingressar no curso em uma faculdade federal, já que a família não tinha condições financeiras para bancar uma faculdade particular.

Com isso, ele resolveu se aventurar no curso de enfermagem, já que sua nota dava para entrar, e tinha tudo a ver com o

que ele queria para o futuro. No começo, ele confessa que não estava tão empolgado com a ideia. “Eu antes não sabia que queria algum curso da área da Saúde, mas eu não sabia o que focar ainda, né? Eu tentei medicina por um ano e meio mais ou menos, e, assim, eu tava muito desgastado com o cursinho, né? Dessa vida, é muito cansativo, muita pressão, muito tudo, vestibular, essas coisas, aí eu pensei que essas coisas não eram pra mim, aí eu fiz o ENEM em 2017, foi o último ano que eu fiz de cursinho, aí eu entrei pra UFG em enfermagem, coloquei minha nota, passei, e comecei a fazer, sem expectativas, aí mais ou menos no quarto período, a gente teve uma matéria lá na faculdade que é de epidemiologia, que são cálculos de porcentagem, vamos supor, de algum vírus que tem, então a gente faz essa amostragem pra saber quanto que pode infectar, quanto que não pode e etc. Aí uma das professoras que ministrou essa matéria pra gente, ela era a líder desse núcleo de pesquisa que eu participo até hoje, e assim, por eu gostar muito e tal, a gente foi, eu fiz o processo seletivo e entrei para o núcleo, e foi a partir daí que eu realmente comecei a gostar do curso, que foi algo que eu me identifiquei bastante, essa parte da pesquisa, de ir, coletar dados, e atuar mesmo”.

Gabriel conta que nunca imaginou passar por momentos como esse, de pandemia. Coisas que só víamos em filmes

começaram a acontecer na vida real. No começo, Gabriel conta que achava que ia durar apenas duas semanas, que se todos cumprissem os protocolos de segurança iríamos sair o mais rápido possível de toda essa situação, mas não foi assim que aconteceu.

“Antes da pandemia a gente tinha projetos rodando também, mas a gente realizava mais a coleta de dados né? Que marcava a coleta né, geralmente nas casas, dependendo do projeto a gente ia em algumas igrejas, algumas ONGs que apoiavam, alguns grupos e esse grupo que eu tô, a gente trabalha com a população vulnerável, então vai desde da população LGBT, à pessoas que moram na rua, imigrantes e refugiados. Aí depende do projeto, mas, geralmente, a gente entrava em contato com essas ONGs, elas organizavam no local para gente ir, aí onde tu era mais ou menos assim, aí quando estourou a pandemia né. A gente começou a desenvolver muito mais coisas durante a pandemia. Porque surgiram assim, além dos projetos da Covid em si, que as professoras começaram a pensar e realizar pra gente coletar, ainda teve a demanda nessa parte da tenda. E aí a gente ficou praticamente encarregado de fazer anamnese, fazer os testes rápidos, fazer também coleta para o PCR, e desde que começou mesmo eu fui em todos os dias de junho, até mais



ou menos outubro, que acho que foi o último mês que teve a tenda, todos os dias, segunda à sexta, a manhã toda”.

Além de todo o descaso do Governo em relação aos cuidados, existia também a negligência de algumas pessoas negacionistas, que recusavam a acreditar que tudo aquilo era real. “Quando eu entrei para a linha de frente da Covid-19, enfrentei muitos problemas reais, as pessoas não queriam saber de usar a proteção básica, não praticavam distanciamento social, eu tinha que pedir para não ficar perto de mim, era muito difícil. Por momentos, eu até pensei que eu poderia ter passado Covid para os meus familiares, por estar tão próximo da doença e com pessoas tão irresponsáveis, mas, graças a Deus, nunca peguei o vírus, não sei como, mas nunca peguei”, relata.

“Como a gente trabalha com essa população que é mais imigrante né, e refugiada, eles têm muito receio de deixar a gente chegar neles pra realizar os procedimentos. Eles têm muito receio disso, e assim, é muito difícil você chegar nessa população e levar a saúde para eles. Eles acham que você vai, talvez... não sei, o que a gente tem da ideia deles, que você tá chegando lá para poder deportar ele, e você é da polícia ou algo assim, que eles são ilegais e tal, então assim, muitas vezes a gente tinha coleta marcada para poder fazer

a testagem, por requisito mesmo, da Secretaria de Saúde e a gente não conseguia, porque eles tinham muitos receios, sabe. A gente não conseguia coletar os materiais suficientes, porque eles eram muito receosos nessa parte. E nem são por culpa deles, e sim pela história de vida, de sofrimento mesmo, porque eles têm uma vida muito difícil... o jeito que eles contam assim, né? Porque a gente faz um questionário antes, e nesse questionário tem perguntas assim, no geral da vida né? Muitas vezes, eles vêm sozinhos ou então vem a mãe para esperar juntar um pouco dinheiro dos outros filhos que estão sozinhos no outro país, aí eles estão vivendo em abrigo, com doação de ONGs e não sabe falar a língua, né? Então assim, às vezes não conseguem emprego, e então vivem de renda que recebem do Governo, o que é muito complicado essa parte. Eles sofrem muito mais, eles não têm direito à muitas coisas, igual o auxílio emergencial, eles não tiveram direito porque eles não tem CPF brasileiro, então... Já era uma renda a menos “.

Durante sua trajetória nos Hospital de Doenças Tropicais de Goiânia, Gabriel passou por diversas etapas até agora: passou pela vacinação, pelas UTI's, pelas enfermarias e muitas outras alas do hospital. Ele relata que sentiu muito medo, angústia, e uma vontade tremenda de desistir em al-

guns momentos, parecia que nada aquele pesadelo tinha fim, ele chegava em casa cheio de marcas das EPI's (Equipamentos de Proteção Individual). "Nunca vou me esquecer do dia que cheguei em casa, tirei meus equipamentos de proteção e minha pele estava tão danificada que começou a sangrar, naquele momento, eu me olhando no espelho, chorei desesperadamente, eu só queria que tudo estivesse normal, não estava com nenhuma alegria, somente conseguia sentir a dor de cada família que eu cheguei a conhecer, que perderam um, dois, até três pessoas queridas na mesma semana. É surreal, nunca me senti tão fragilizado como naquele instante, eu só queria dormir até que tudo aquilo passasse de vez".

É inevitável não se sentir mal vendo todas essas situações, hoje em dia, é quase impossível conhecer alguém que não tenha perdido pelo menos uma pessoa do seu convívio pessoal. Pessoas são tratadas como números, e, infelizmente, o representante do Brasil faz isso apenas ficar mais concreto. Passamos cerca de 40 minutos debatendo todas as problemáticas que existem em torno desse assunto. Quando perguntamos sobre o ritmo atual da vacinação, ele riu... uma risada meio desesperadora: "Todo mundo está acompanhando o que está acontecendo, eu acho graça para não chorar mais do que já chorei, na verdade. Mais de 80 e-mails

ignorados e milhares de vidas que poderiam ser poupadas. O presidente não quer nos ver saudável é a impressão que eu tenho... Hoje (10/06), ele deu uma entrevista afirmando que vai tentar barrar o uso de máscaras em pessoas que já vacinaram ou que já contraíram o vírus, isso é desesperador! Existem variantes para todo lado, é de uma irresponsabilidade gigantesca.”

Gabriel nos contou um pouco sobre as amizades que ele fez no hospital, laços que encorajaram ele a estar todos os dias lá, seja com pacientes, colegas de trabalho, e até algumas situações inusitadas. “Um dia eu estava andando pelo pedaço externo do hospital, e vi um cachorro, ele veio em direção a mim, ficamos um tempo ali e logo entrei novamente. No outro dia, ele estava lá novamente, e virou meu amigo e de todos os meus colegas, demos um nome para ele, se chama Mike. Ele é esperto, adora ficar no estacionamento, e cuidamos dele agora, é nosso companheiro de luta, e é muito importante ter ele conosco”.

Enquanto pensávamos em uma forma de encerrar a conversa, ele nos contava sobre os problemas psicológicos que acredita que toda essa geração vai ter: “Não será uma coisa passageira, vai entrar para os livros de História, fizemos parte disso tudo. Por mais que, às vezes, eu penso em

desistir, cada obrigado vale. Todas as vezes que eu escuto um agradecimento e percebo que pude ajudar uma pessoa que estava sem esperanças e perspectivas, fico muito feliz, e é o que me dá mais força pra continuar com essa profissão maravilhosa e tão importante para a humanidade”.

Os profissionais da saúde merecem todo o carinho possível, por enfrentar essa luta tão forte, estando na linha de frente e com tanta garra, respeito, integridade e sabedoria. São pessoas como essa que devemos agradecer por dedicar a vida, o tempo, e todo o amor para ajudar um país que está cada vez mais crítico. Devemos entender que esse esforço nunca foi em vão, e que graças aos enfermeiros, médicos, técnicos e todo pessoal da linha de frente, temos a esperança de que uma hora isso vai passar. Pode demorar alguns meses ou até um tempo maior, mas uma hora vai passar, e todo mundo irá se abraçar novamente, tendo apenas histórias para contar.

**11.**

**A VIDA É  
UM ETERNO  
APRENDIZADO**

**A**na é uma senhora de 85 anos, que passou por muitas vivências na pandemia e está lutando a cada dia que passa pela sua sobrevivência. Ela é costureira aposentada, mãe de duas meninas. Vive em Goiânia com sua filha mais velha e seus netos. Sua infância não foi nada fácil, enfrentou dificuldades com suas 3 irmãs, sendo uma delas adotada, e passou por problemas como falta de moradia, fome e miséria. Ela nasceu no interior de Goiás, mais precisamente em Guapó, onde viveu até sua adolescência, ao encontrar seu futuro marido, João Luiz. Dentre muitos altos e baixos na sua vida, Ana soube carregar histórias e momentos marcantes, mas, sem dúvidas, a pandemia está sendo o pior deles.

Depois de sua infância e adolescência difícil em Guapó, Ana decidiu vir para a capital no intuito de conseguir arrumar um emprego para que pudesse dar uma vida melhor a sua família. “Quando eu tinha uns 6, 7 anos, a vida era muito difícil, sabe? Eu e minhas irmãs não tínhamos o que comer, tinha dias que nós fazíamos apenas uma refeição por dia, que era o que conseguíamos com as doações. Onde morávamos, todo mundo tinha uma situação difícil, e nos ajudávamos como podíamos. Depois que fiquei mais velha, com meus 18 anos, decidi ir para a capital tentar arrumar um emprego, já que, na época, a gente tinha essa ilusão de que ir para a capital era fácil, né”.

Ao chegar em Goiânia, Ana, que veio somente com sua outra irmã, Carla, enfrentou problemas que ela nem poderia imaginar, as coisas eram complicadas nessa época, principalmente para duas mulheres que não conheciam nada da cidade grande. Mesmo com todo o preconceito da época, Ana conseguiu conquistar um emprego na cidade, de costureira. Se aperfeiçoou na profissão e conseguiu se manter dentro da cidade, arrumou um emprego para a sua irmã e logo trouxe os outros familiares para a capital. A situação nunca foi boa, mas, pelo menos aqui, ela conseguia se manter e comprar o pão de cada dia.



Em um dia comum, Ana encontrou um homem que estava indo encomendar umas camisas na loja onde ela trabalhava. “Ele era um rapaz muito bonito, novo, cabelos pretos e dentes brancos, logo que eu vi já me encantei com ele, ele veio até mim, perguntando onde conseguia encomendar camisetas para o trabalho dele, eu dei a informação, mas percebi pelo olhar dele que se interessou por mim também. O mais engraçado dessa história é que foi eu quem dei os primeiros passos da conversa, consegui puxar assunto e logo estávamos conversando sobre nossas vidas, mas tive que interromper o papo pois estava em horário de serviço. No outro dia, ele foi láe assim criamos um contato grande”.

O primeiro encontro foi em uma sorveteria, Ana conta que nunca vai se esquecer das duas bolas de sorvete, de chocolate e de uva, que João pediu, e, logo em seguida, deixou cair na roupa inteira, ela conta que foi uma das melhores gargalhadas que já teve em toda sua vida. Depois disso, o relacionamento foi se aprofundando, aconteceu o namoro, noivado e, em menos de dois anos, já estavam se casando. Um amor puro, verdadeiro e sincero, coisa tão difícil de se encontrar hoje em dia.

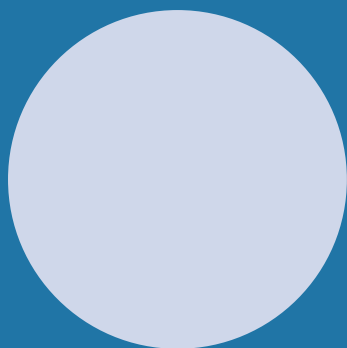
Logo depois do casamento veio a notícia, Ana estava grávida da primeira filha! Que se chamaria Maria. A gravidez foi

muito tranquila e a filha de Ana nasceu completamente saudável e serelepe, tudo que os pais desejavam. Quando Maria estava com seus 8 anos de idade, nasceu Vera, a segunda filha. Vera teve problemas na sua infância, sempre foi uma criança muito doente, teve câncer aos seus 7 anos de idade e uma infância conturbada, porém, depois de muitos tratamentos ela passa bem. Hoje, aos 47 anos de idade, Vera é casada e vive uma vida tranquila ao lado do seu marido e seus dois filhos.

Ana diz que nesse momento, se sente mais triste do que nunca. “Como eu já falei, passei por tantas coisas... Mas o que mais me deixa triste é não poder estar perto de quem eu amo, fazer minhas reuniões da igreja, preparar minhas receitas para que eles possam provar... É um dos meus maiores sofrimentos.

Em novembro de 2020, Ana perdeu seu companheiro de quase 50 anos ade casado para a Covid-19, o João Luiz se foi aos 87 anos. “Não consigo superar, ainda choro todas as noites, ouço a voz dele em todos os cantos da minha casa, em todas as nossas memórias. Me sinto sozinha, triste e deprimida, às vezes, principalmente por não poder estar junto com quem resta da minha família. Mal vejo a hora disso tudo passar, já estou vacinada, minha filha mais velha também já tomou a primeira dose, mas nada me alivia, preciso saber que todos estão imunizados”.

**12.**



**A MEDICINA  
ENFRENTANDO  
OBSTÁCULOS**

**E**ntrevistar profissionais se tornou um parâmetro fundamental para entender do que se trata essa situação e ter noção da maior parte dos problemas de uma classe que sofre diariamente com problemas causados pela pandemia. No entanto, vivenciar a realidade de cada um desses profissionais se tornou uma memória essencial.

A Doutora Lissa foi uma dessas profissionais que conseguimos contato por meio de uma rede social, achamos que seria mais complicado mas ela topou no mesmo instante. Foi no consultório dela, uma sala aconchegante no Setor Marista.

“Meu nome é Lissa Rodrigues, eu sou infectologista, tenho 31 anos, trabalho aqui na Climimp e no Hospital de Doenças Tropicais. Quando eu decidi ser médica, acredito

que foi um chamado. Na verdade, eu nunca pensei em fazer medicina, mas no ensino médio, assim, estudando, eu pensei que seria um dos cursos que eu gostaria de fazer e eu acabei entrando e gostando bastante”.

Lissa conta um pouco sobre sua rotina cansativa na pandemia. Na época, com todos os casos e o Brasil enfrentando um dos piores momentos já vividos da doença, ela explica como era exaustiva toda a rotina: “Na verdade eu posso até considerar assim, matematicamente falando que aumentou 5 vezes da rotina que era normal, sabe? Estou trabalhando muito mesmo, e a maioria desse aumento de trabalho é com paciente com Covid”.

Sobre as perspectivas de como iria ser a pandemia, a doutora fala sobre tudo que passou durante as primeiras semanas e como ela imaginou que a doença iria se estabelecer em território nacional.

“Eu já imaginava que ia durar um tempinho bom, né, tava todo mundo com muita esperança que ia durar só três semanas, quando fez o primeiro lockdown... Mas eu já imaginava que ia durar mais tempo, porque as histórias das outras pandemias é de durar mais tempo, todas duraram assim, dois anos e tal, a última pandemia que teve, que foi a da H1N1 durou um ano e oito meses. Eu já tinha esse entendimento

que ia durar muito, mas era um medo, né, muito grande porque é um vírus que praticamente a gente não conhecia, era tudo muito novo, então gerava um certo medo e já sabendo que poderia durar esse tempo todo, né? Como seria aguentar esse um ano, dois anos aí pela frente”.

Ela explica que os poucos recursos de tratamento eram o principal desafio na hora de lidar com pacientes entre a vida e a morte. Dentre técnicas medicinais e o maior esforço possível dos médicos, é muito difícil toda a pressão, já que não existe nenhum tipo de tratamento com remédios para a doença: “Tentamos fazer o máximo que a gente pode, mas, muitas das vezes, não consegue salvar o paciente, são muitas histórias, muito tristes, as vezes você vê paciente não tão grave, mas conta que parte da família morreu. É muito difícil a parte técnica, mas muito difícil dessa outra parte também, a parte emocional”.

Lissa conta que foi uma das primeiras pessoas a tomar a vacina contra a Covid, por conta que ela se encaixava no grupo de risco. Segundo ela, nada deixou abalar o emocional, nem mesmo quando sua tia pegou a doença e ficou internada na enfermaria. Lissa também contraiu Covid, mas não teve muitos sintomas.

“A vacinação no Brasil começou devagar, foram muitos meses até chegar a um patamar de 1 milhão de vacinados

por dia. Muito pelo Governo e o negacionismo de governantes por todo o país. Lissa acredita que, dentre todas as vacinas que existem no mercado, umas podem ser melhores que as outras. “Se a gente colocar no papel, assim, o número de eficácia, porcentagem, com certeza existe mesmo uma melhores que as outras. Mas isso não tira o mérito da outra, tipo, uma melhor que a outra? Todas elas protegem, todas elas têm eficácia simbólica. Mas acho que tem umas que é melhor. Eu acho que começamos muito atrasados, esse foi um dos problemas, aí existe a comparação com outros países que começaram bem mais cedo que a gente. No começo teve muito problema, então, tinha as vacinas, a Coronavac, por exemplo, tinha muito aquele problema político e a China não queria mandar alguns insumos, e acaba que os insumos tanto da Coronavac tanto da AstraZeneca vêm da China. Então deu um atraso maior ainda, eu acho que no começo tava realmente muito lento, muito ruim, mas eu acho que a gente deu uma engatilhada aí sim e tá conseguindo ir bem. Apesar da ansiedade ser muito grande, acaba que parece que o negócio tá andando a passos de formiga, né? Mas nós somos um país muito grande né, mas eu acho que tá indo bem agora, depois que entrou a vacina da Pfizer mesmo, né? Agora com a que está vindo, então a gente tem três opções, e agora

tá vindo outra também que é a da Janssen né, então como a gente aumentou essas opções, parou essa briga no começo, e deu uma engatilhada boa”.

Todo o trabalho da medicina que Lissa exerce fez com que ela acreditasse mais em seu potencial e sua profissão. Durante todo o tempo de pandemia, ela conta que por mais que as coisas ficaram difíceis em relação ao emocional, isso deu mais gás para que ela pudesse ajudar mais famílias e contribuir com a sociedade. Ela afirma que trabalhou 5 vezes mais do que o normal nessa fase da vida, mas que se sentia motivada. Em nenhum momento de sua vida profissional, ela acreditou que passaria por coisas nesse sentido, foi algo totalmente novo.

Dentre tantos desafios vividos pela sociedade na pandemia, as consequências psicológicas, sem dúvidas, foram umas das mais cruéis. “Não só o médico, mas os profissionais saúde, tinham ou desenvolveram ansiedade, síndrome de pânico, e isso é o que já tá acontecendo. E eu não acho que só dos profissionais não, acho que a população toda”.

Durante a nossa conversa, um tema muito frequente entrou em pauta, que foram as Fake News. Para a médica, os momentos mais difíceis foram ter que lidar com esse tipo de mentira que circula nas redes sociais. “Essas brigas da



cloroquina, ivermectina, coisas não comprovadas e acabam sendo prescritas por médicos também, que na verdade eu acho que queriam ganhar dinheiro dos pacientes, não acho nem que essa pessoa seja médica. E aí, é como se tivesse já lutando contra um vírus e também tinha que lutar contra essa ignorância das pessoas, sabe? Então, no começo estava muito mais forte. Acho que, hoje em dia, já deu uma melhora, as pessoas já estão bem mais conscientes que elas têm que entender que realmente a gente não tem opção, que assim, as pessoas estão correndo atrás para conseguir, então, tá melhor, mas no começo era muito difícil tentar tratar um paciente e ele falar que o tratamento não serve, que não era o certo, que queria aquele que o presidente falou, batia assim de frente. Agora tá acontecendo com a vacina, você fala "vai vacinar, é seguro", a gente tá tentando conscientizar as pessoas, mas ainda existe muita ré nisso daí, das pessoas não acreditarem, mas é bem menos que no começo, por causa desses remédios".

Durante as visitas para as entrevistas, descobrimos histórias marcantes que colocaram muitos pontos de vista em contradição. Para a Doutora, situações como essa podem ser facilmente a parte mais dolorosa de enfrentar uma crise sanitária. "Eu acho que eles sofreram de todas as maneiras,

pelo fato deles não conseguirem se isolar, depois eu pelo fato de ter que trabalhar, ter que pegar um ônibus lotado. O fato de não terem acesso à saúde adequada. Então, chega no cais e não tem, não tem atendimento adequado, aí os pacientes vão para casa e ficam ruim em casa, mesmo porque não fez acompanhamento. Segundo, os que chegam grave nesses locais, não tem vaga de UTI também, já chegou... teve... no começo desse ano mesmo, que foi o 'boom' de casos, tiveram dias que tinha na fila de regulação 500 pessoas esperando vaga de UTI, é uma fila gigante, eu acho que o pessoal que mais sofreu, com certeza, foram os de baixa renda. Já tá avançando mais as vacinas, a gente vê nos países já tirando as restrições, e isso já dá uma esperança que a gente vai chegar nesse local aí, nesse lugar, mas ao mesmo tempo eu ainda fico com medo, porque existe muita ignorância em relação a vacina, muita desinformação, muita informação errada, então ainda fica esse receio, mas a esperança é maior".

**13.**

**LADY DI**

**N**ão é tão fácil quanto pensamos olhar aquela multidão toda e selecionar alguém para partilhar sua vida conosco, ainda mais enfrentando a segunda onda do Covid, com o centro não funcionando normalmente. Era perceptível o vazio das calçadas, muitas lojas ainda fechadas e a tristeza no olhar de cada comerciante, principalmente dos vendedores ambulantes que vagam em busca de seu único sustento.

Por sorte, no meio do caminho encontramos uma banquinha de livros de romance em que a venda era focada somente nesse gênero. Uma banquinha pequena, simples, mas que tinha suas estantes lotadas com os mais populares e os mais clássicos romances já escritos. Eram diversos. Alguns

mostram sua antiguidade nas capas envelhecidas que trazem a sensação de conforto. Outros ainda tão novos. Paulo Saraiva, 60 anos, dono da banquinha, foi quem nos atendeu e com muita alegria e carisma, aceitou nos conceder uma entrevista para que eu nos contasse as dificuldades que enfrentou com a chegada do Covid-19.

Paulo vive apenas da venda dos livros há mais de 40 anos, trabalhando apenas com aquele ponto de venda localizado no centro da Grande Goiânia e a queda do movimento e das vendas após o segundo lockdown o assustou e afetou bastante: “A diminuição é geral, né, ela atingiu todos os segmentos dentro do comércio, porque a questão financeira é uma questão do povo, que foram os principais afetados, diminuiu muito, em torno de 60, 70% do nosso movimento normal.”

Se afeta o povo, afeta a todos. Se o povo não tem trabalho e, conseqüentemente, dinheiro, ele não consome. A taxa de desemprego no Brasil ficou em 14,2% no trimestre encerrado em janeiro, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo a maior já registrada desde 2012, quando foi iniciada a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua). Ao todo, 14,3 milhões de brasileiros estavam sem um posto de trabalho no início deste ano. Janeiro foi o primeiro mês após o fim do auxílio emergencial

dados pelo Governo à população mais vulnerável, e, após isso, as coisas apenas pioraram. Em janeiro de 2020, antes da pandemia de Covid-19, quando o mercado de trabalho ainda não havia sido fortemente impactado pela crise sanitária, a taxa de



desemprego era de 11,2%. Em um ano, 8,1 milhões de pessoas perderam o emprego, uma queda de 8,6% na população ocupada do país.

Marcas profundas foram deixadas no mercado de trabalho após a crise provocada pela pandemia do coronavírus. Segundo levantamento realizado pela consultoria de IDados, com base nos indicadores de abril, que são os últimos disponíveis, em média, 377 brasileiros perderam o emprego por hora em um ano. Em abril deste ano, o Brasil tinha 85,9 milhões de ocupados, 3,3 milhões a menos do que no mesmo

mês de 2020. Isso fez com que os trabalhos informais crescessem em média 2%.

Para Paulo, a rotina de trabalho continuou a mesma, mas a carga horária sofreu uma drástica redução, isso pela diminuição dos horários de funcionamento das lojas e da redução das frotas de ônibus, por exemplo: “Nós tivemos que diminuir a carga horária, eu trabalhava 10, 11 horas por dia, hoje eu trabalho 6, 7 horas no máximo, pra acompanhar o horário de funcionamento do comércio e dos bancos que fecham mais cedo, a demanda também, a cidade a tarde também fica muito vazia.”



A banca de Paulo, além de vender livros, também coloca créditos no cartão fácil de transporte e no celular, sendo assim, o movimento dos bancos e também o funcionamento normal do transporte público,

influenciam diretamente nas vendas da loja. A área que a banquinha fica localizada, é uma área principalmente de financeiro e de bancos, então, tanto Paulo quanto as outras lojinhas ali perto acompanham o horário bancário, assim que os bancos fecham, fecha o comércio geral e acaba o movimento. Porém, Paulo ainda foi afetado, pois as lojinhas locais tiveram que ser fechadas durante certo período, piorando ainda mais o movimento na região. “Por isso, a gente passou a trabalhar menos, os bancos que antes fechavam 16h, passaram a fechar às 14h, então quer dizer, eles podem diminuir duas horas a carga horária deles, e isso afeta todo mundo.”

Dentre as inúmeras relíquias de grande valor cultural encontradas na banquinha de Paulo, encontramos também o livro “Diana: Crônicas íntimas”, e foi algo que nos surpreendeu muito. Atualmente esse livro é encontrado em sites de revenda como o mercado livre. Em outros sites está sempre esgotado e, para admiradores da Lady Di, assim como nós três somos, esse livro acaba por se tornar uma antiguidade clássica, além de ser um livro íntimo sobre a vida da princesa, onde é possível encontrar relatos sobre a dificuldade que ela encontrou pertencendo a família real, às dificuldades em seu casamento e também momentos de felicidade.

Passar por essa pandemia foi uma questão de adapta-



ção a um novo momento com a esperança diária de que dias melhores viriam. Por sorte, Paulo não teve que entrar em lockdown, pois as banquinhas de vendas são consideradas comércio ambulante e não promovem aglomerações, porém, por esse mesmo motivo, ele também não entrou no projeto de governo que ajudava funcionários que foram afastados de seus postos, mas conseguiu a ajuda do auxílio emergencial até o momento que ainda era disponibilizado, que foi o que complementou sua renda e o ajudou a não passar necessidade. “É pouquinho, mas ajuda”.

A parte financeira foi afetada, e muito. “É bem verdade que os pontos de vendas de revistas e jornais no Brasil caíram 10%, com a pandemia então, foi desastroso.” É possível observar o quanto a pandemia afetou ainda mais a venda de livros quando um livro clássico e muit

o famoso na nossa geração, como “Lua Nova”, da Saga Crepúsculo, sendo vendido a R\$10, completamente novo, o que, honestamente, nos deixou de queixo caído. Além de uma variedade de livros de autores consagrados que cobriam as estantes até o teto. “O pessoal não sai de casa para vir à banca. É mais uma questão de costume. Tem um segmento da população que ainda não se adaptou à época digital, então eles ainda preferem os livros.”

Mesmo com as coisas começando a voltar ao normal aos poucos, agora, mais do que nunca, as pessoas não saem de suas casas para comprar ou ler livros. A internet atrapalhou muito nesse sentido, fazendo tudo ficar mais fácil e acessível. Com a chegada da pandemia, e as pessoas tendo que ficar em casa só fez com que abandonassem o hábito mesmo. “Nós ambulantes não proporcionamos aglomeração, certo? Hoje no ramo de jornaleiros não têm mais revistas, jornais, são poucas as bancas que funcionam com esse segmento e por isso eles passaram a diversificar e não tem como ter aglomeração de pessoas que leem jornal, olhando revista, não existe isso mais.”

Paulo tomou as duas doses da vacina da Coronavac e diz não ter sentido qualquer efeito colateral ou reação, mas o que ele garante ser eficiente e eficaz no tratamento e na imunização contra a Covid é o kit Covid, que muitas vezes foi utilizado por tratamento precoce, e foi recomendado na defesa negacionista do uso de medicamentos sem eficácia comprovada contra a Covid-19 promovida pelo Governo Jair Bolsonaro e seus apoiadores. “A doença em si, e isso é provado, quem sofre dela, mesmo tomando remédio ou não, se ele curar, ele terá sequelas, mas eu afirmo pra vocês que eles politizam a doença e isso foi ruim para o país, porque se eles

tomam o kit, de 500 mil, tinham morrido 150. A pessoa às vezes tem um efeito colateral pós tratamento, mas é muito melhor do que o cara morrer.”

O livreiro não foi infectado pelo vírus, mas fez o tratamento de prevenção com os seis remédios do kit, incluindo a cloroquina, sem qualquer acompanhamento médico, apenas por indicação da médica particular de sua sobrinha, que também contraiu o vírus assim como o resto de grande parte de sua família, onde 13 pessoas foram infectadas pelo vírus, incluindo sua irmã, e apenas um morreu, acredita-se que por ter pegado uma infecção hospitalar quando teve que ser internado e por já ter seus 65 anos de idade e estar debilitado, ter problemas com diabetes e infecção pulmonar, e não exatamente pelo vírus, já que na teoria, ele se tratou de forma correta. “Esse vírus atinge a parte vascular de todo mundo, mesmo você tomando ou não, ou seja, aí já vem a cérebro, trombose, então, eu achava assim, que se eles não tivessem politizado, tivessem dado o kit certinho, que são seis remédios, tinha morrido cento e poucas mil pessoas. 13 pessoas na minha família contraíram, aí o que eles fizeram? Tomaram o kit completinho do jeito que a médica passou, não foram no hospital, só foram pra fazer os exames se estava doente ou não. Chegaram em casa, tomaram os remédios porque são baratos.”

**14.**

**A COR  
DOS  
LÁBIOS  
DELA**

**N**o cruzamento da Avenida Anhanguera com a Avenida Goiás, um dos pontos mais movimentados do Centro de Goiânia estava com um “ar” de retorno naquele dia, com a maioria das lojas já voltando a abrir. Era possível observar um certo movimento fluído, mas, ainda assim, totalmente diferente, não chegando nem perto do movimento e da loucura que era antes da pandemia. Antigamente, naquela esquina, podíamos observar hippies fazendo suas artes sentados no chão, lindos colares, pulseiras e anéis iam se formando. Pra mim, aquele era um lugar deles, um ponto de encontro. E dessa última vez que fomos lá, eu não vi sequer um hippie sentado ao chão. Talvez seja porque o movimento por ali durante muito

tempo foi quase zero e eles tiveram que encontrar outra forma de obter renda, ou talvez fosse por conta do aumento de vendedores ambulantes no local.

Havia uma moça vendendo rasteirinhas e sandálias, paramos para dar uma olhada e aproveitamos para pedir uma pequena entrevista, ela recusou por medo de perder algum cliente que parasse por ali. Entendemos, claro, sua situação e atravessamos a rua onde haviam mais vendedores ambulantes vendendo de tudo: eletrônicos, diversidade de coisas para celular, roupas, lingerie e frutas. Ficamos ali parados, meio perdidos sem saber por onde começar. Olhávamos para cada um dos vendedores e o que podíamos observar eram olhares tristes, testas franzidas de preocupação, pressa no andado de um lado para o outro esperando esperançoso, aguardando algum cliente chegar, mas nenhum parecia interessado ou mesmo com tempo para uma entrevista. Era notável a pressa e a preocupação em vender algo, aliás, aquela era a oportunidade de tentar voltar às coisas ao normal.

Olhamos para uma moça que estava vendendo roupas, aproveitamos que não havia ninguém em sua banquinha e pedimos permissão para fazer uma entrevista rápida e que não iria atrapalhar, mas a única coisa que tinha importância para a moça naquele momento era conseguir vender suas

roupas. Seu semblante era de alguém já muito cansado e esgotado, as coisas não pareciam estar indo muito bem e nós queríamos muito ter acesso à história e poder contá-la, mas entendemos sua indisposição e continuamos nosso percurso pela grande Avenida Anhanguera.

Íamos andando e observando a feição das pessoas, se pareciam estar mais abertos ou não para uma conversa e notamos certa decepção nas pessoas quando entrávamos e pedíamos se eles podiam nos conceder uma entrevista, porque era grande a empolgação e a esperança deles por alguém entrar em suas lojas em busca de comprar algo. Percorremos um longo percurso quando encontramos aquelas lojas “tem de tudo”, sabe? O nome era Atrevida Bijoux e tinha desde utensílios para aniversário até acessórios femininos. Assim que entramos na loja, uma moça muitíssimo simpática veio nos atender. Daniela, de início ficou extremamente receosa e tímida sobre a entrevista, mas depois de bastante insistir, conseguimos convencê-la falar um pouco sobre como a pandemia a afetou.

A loja não é de Daniela, porém, ela já trabalha lá há 13 anos. A funcionária conta que tiveram que fechar a loja, e da primeira vez, no ano passado, assim que a pandemia começou, a loja passou dois meses fechada.

A loja, diferente de tantas outras, não teve a necessidade de demitir nenhum funcionário, porém, essa continua sendo uma preocupação para todos ali. “Tá arriscado, tá em análise, vamos dizer assim, tá tentando ver se melhora pra não ter que precisar.” Quando questionamos a respeito do salário, Daniela afirma que o salário com certeza diminuiu muito, porque antes eles faziam muita hora extra, todos os dias. Com a pandemia, como eles reduziram o horário e com a queda drástica do movimento, não há mais como tirar um dinheiro extra. Além disso, as vendas diminuíram bastante. “A venda caiu mais de 50%, nessa faixa, teve mês que deu uma diferença até maior que 50% em relação a antes da pandemia. O rendimento da loja em si caiu bastante”

A vendedora não recebeu o auxílio emergencial, mas foi beneficiada com o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda. Com a mudança inesperada nas relações de trabalho durante a pandemia do coronavírus, a grande maioria dos trabalhadores e empresários no Brasil estão sendo afetados com os lockdowns no Brasil, para que isso diminua e melhore um pouco a situação dos funcionários, o governo editou a medida provisória 936, que permite que a empresa possa suspender temporariamente o contrato de trabalho ou fazer cortes na jornada de trabalho e no salário de seus fun-

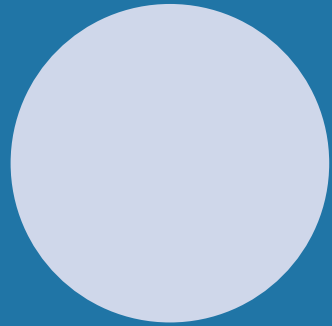


cionários sem que seja necessário demitir. Sendo assim, o governo complementa parte da remuneração do trabalhador. As empresas também terão auxílio do governo com uma linha de crédito para quitar os salários dos trabalhadores.

“A primeira vez que fechou, o Governo pagou pra gente, aí dessa segunda vez ele já não pagou. A loja em si não recebeu nada. Até a parte que eu sei, porque essa parte administrativa eu não entendo, não faço muita parte, mas eles dividiram a questão do FGTS, aí facilitou o pagamento”. Para a vendedora, o dono da loja foi mais prejudicado que os próprios funcionários, porque o dono tem que pagar os funcionários, e dependendo do dinheiro que está entrando na loja naquele momento, pode ficar difícil. Além de que, os funcionários que foram suspensos receberam do Governo, e como ele não vendeu, não recebeu nada. “Ele teve que pagar o aluguel, pagar as despesas, pagar os encargos do Governo, tudo, e sem vender”. Além disso, ele continuou com o mesmo número de funcionários.

Um assunto muito interessante abordado em nossa conversa foi sobre as vendas dos objetos da loja. Quando questionada sobre a venda de acessórios femininos durante a pandemia, Daniela ressaltou que a maquiagem foi uma das mercadorias que mais diminuiu no número de vendas.

“Ainda sim vendeu, mas caiu muito, acho que por causa do uso da máscara, ninguém tá saindo, então a maquiagem caiu bastante. Batom então, a gente vendia demais aqui e agora não vende mais.” Acessórios não perderam tanta visibilidade, os brincos ainda continuam sendo muito procurados por ser algo que dá pra se usar mesmo de máscara. “Ta saindo muito brinco que ele colocou na promoção, na oferta de comprou um, levou outro, então ajudou.” Já sobre o coronavírus, nem Daniela e nem sua família contraíram o vírus e até onde ela sabe, nenhum outro funcionário da loja foi infectado também.



**15.**

**APENAS  
UM OLHAR**

**O** olhar de Carol não era meigo, tampouco seu jeito, ela era rigorosa, sincera e, acima de tudo, intensa em tudo que fazia. Mas ela sabia, só de olhar, identificar o sentimento das pessoas. Uma mulher sábia, com gosto por ensinar, poucas vezes vi alguém tão dedicada à profissão como Carol.

Carol ensinava com empolgação, com o coração, ali era possível ver uma pessoa apaixonada por sua profissão, e os olhos brilhavam! Quantos eventos culturais Carol não promoveu com prontidão. É tão notável a sua entrega em tudo que faz.

Aos 37 anos, além de professora de história do ensino médio, ela também dá aulas para o ensino fundamental, cur-

sinho pré-vestibular e é escritora independente, o que exige muito esforço nos dias atuais. Carol escolheu ser professora porque sempre acreditou muito que a educação que, de fato, é o único instrumento poderoso de transformação na sociedade, que pode nos humanizar e nos tornar mais solidários. “É através da educação que a gente consegue enxergar melhor o mundo, enxergar melhor o outro, nos enxergamos no outro, né? Acho que isso é muito importante, e eu sempre gostei demais de escrever, de me expressar através das palavras, porque eu também acredito nas palavras como uma força muito poderosa, também de transformação social, só que eu só consegui publicar mesmo meu primeiro livro em 2017.”

Carol dá aulas como professora desde 2010, e assim como todos nós, ela escolheu alguns caminhos que a desviaram um pouco da sua verdadeira paixão. A primeira faculdade que ela fez foi de direito, mas ela não se encaixou e nem se realizou em nenhuma área da questão jurídica. Ela sempre soube que deveria ser professora, mas quando adolescente teve aquele conflito, inclusive familiar, embora a família de Carol seja uma família de professora, tanto suas duas avós quanto sua mãe foram professoras. Ela admite ter tentado fugir um pouco do destino de ser professora e contesta o porquê de não ter sempre brigado por aquilo

que sonhava. “Eu sempre quis ser professora. Acredito que minha família quis me proteger no sentido de que a vida de quem é professor no Brasil, não é tão simples. Nós não somos tão valorizados, mas depois eles reconheceram que esse era o meu caminho e que era a única maneira que eu poderia ser feliz”

A rotina de Carol sempre foi muito intensa, principalmente antes da pandemia, com aulas todos os dias a manhã toda, e quase todas as tardes com projetos que ela sempre fez parte, de oficinas de escrita, clube de história, clube do livro, mas nunca foi uma rotina difícil porque ela sempre gostou muito de trabalhar com projetos e estar com os jovens. “Eu trabalho muito com adolescentes, que é onde eu me realizo como ser humano, antes da pandemia, depois da pandemia as aulas remotas nos trouxeram uma nova realidade muito difícil pra todos nós, porque perdemos o contato humano, que eu acredito que seja o mais importante.”

Para Carol, essa adaptação ainda é muito difícil e a falta de um planejamento melhor para lidar com a situação vai prejudicar muitos os alunos e futuros profissionais, até mesmo nas relações pessoais. “Como eu tive Covid, eu ainda permaneço em aulas remotas mesmo agora com a escola retornando com o ensino híbrido, Sinceramente eu acredito

que esse ensino vai deixar falhas sim, principalmente porque... Pelo menos eu tenho sentido isso nos meus alunos, eles têm tido muita dificuldade em interagir, eles têm muita dificuldade em dar um retorno, então como eles se sentem talvez mais distantes, acredito que seja isso, porque eu também sinto muita falta da troca de olhares, do calor humano, eu não tenho tido o mesmo retorno que eu tinha diariamente estando na presença, então acredito que nós teremos ainda muito a ser resgatado por conta desse ensino híbrido, e eu não acredito que esse seja o melhor caminho, é que nesse momento, foi necessário, tanto que eu por estar com a saúde ainda debilitada, não posso voltar no presencial, então acredito que não havia outra solução, estando numa pandemia nós realmente necessitamos desse distanciamento social e de seguir todos os protocolos necessários para a preservação da vida que é de fato o bem mais precioso que a gente tem.”

“A sala de aula precisa ser um território das multivozes, onde todos possam ser ouvidos, ouvir o que o outro tem a dizer. A importância da convivência com as diferenças, esse espaço da interculturalidade, esse intercâmbio cultural, ele faz muita falta, esse convívio, a sensibilidade que é desenvolvida com a convivência, e o ensino híbrido não é capaz de trazer tudo isso pra nós.”

Carol, assim como tantos outros e mesmo como historiadora, não imaginava passar por um momento conturbado como esses. É muito diferente ler a história de pandemias anteriores que fizeram o mundo entrar em colapso e viver uma. Nós nunca acreditamos que aquela realidade será a nossa, até mesmo vivendo a experiência na pele há os que se recusam a acreditar, ou melhor, a encarar a realidade, o impacto que isso vem trazendo na vida de cada um. Aliás, os números elevados de mortes antigamente relatados nos livros de história parecem comover mais as pessoas do que a realidade do aqui e agora, onde 4,91 milhões de pessoas morreram ao redor do mundo, sendo que esse número pode ser 2 ou 4 vezes superior ao número oficial, e 603 mil morreram no Brasil vítimas da Covid-19. “Como eu trabalho com história, nós vimos durante a trajetória da humanidade, vários momentos em que viveram-se situações de pandemia, dois grandes exemplos que nós ouvimos muito e discutimos sobre isso é a peste negra, que durou 7 anos, e a gripe espanhola que atingiu também o mundo todo, inclusive o nosso país, Brasil, que perdeu um presidente, Rodrigues Alves, que ia assumir o segundo mandato como presidente e morre como resultado da gripe espanhola, então, por mais que a gente saiba desses acontecimentos, você vivenciar é completamente diferente, e eu



nunca me imaginei, por mais que eu tentasse me colocar no lugar daquelas pessoas que viveram todos esses episódios, na verdade a gente só consegue saber o sentimento, quando você está vivendo a experiência.”

Por sorte, Carol não perdeu seu emprego, assim como foi o caso de 8 milhões de brasileiros. Mas assim como vários outros professores, sofreu com julgamentos e críticas, em sua maioria vindo dos pais dos alunos, com relação ao ensino remoto adotado, que era novidade para todos, e por ter contraído o vírus e ter tido uma recuperação cautelosa, corria o risco a todo momento. “Com relação a pandemia, numa escola particular, a gente sempre está correndo o risco e na pandemia isso só se intensifica, porque muitos dos pais ameaçavam tirar da escola, no começo achavam que era um exagero todo o distanciamento, eu ainda vivo esse medo porque estou afastada após o Covid, nem todo mundo consegue entender que cada corpo reage de um jeito de eu ainda tenho muitas sequelas. Eu não tive diminuição de salário, então não posso reclamar em relação a isso, eu não vivi essa realidade, mas eu vivo essa inconstância, essa angústia todos os dias porque eu trabalho hoje só em escola particular. Eu já trabalhei no Estado, exonerei meu cargo em 2014, fiquei pouco tempo no Estado porque sofri violência e eu não soube

lidar com a situação na época, talvez hoje com mais maturidade, eu não tivesse aberto mão da estabilidade, porque nós temos várias questões na escola pública.”

Carol também deixa clara a diferença de realidade vividas por estudantes de escolas particulares e estudantes de escolas públicas, onde as aulas online não são disponíveis para todos por falta de internet ou até mesmo de um smartphone em casa, e por não ter uma regularidade e plataformas digitais renovadas com aulas pontuais assim como nas escolas particulares. “Ter a estabilidade e trabalhar com uma outra realidade também faz com que você veja a educação de uma outra forma, eu ainda penso também em voltar a dar aula no estado.”

Para Carol, nesse momento o Brasil não é um país que tem estruturas para voltar com as aulas presenciais, ainda que no ensino híbrido. Na época que a entrevista foi feita, as vacinas ainda não haviam sido liberadas e sequer havia data para o início das vacinações, isso porque o Governo Bolsonaro havia recusado 11 vezes ofertas para compras de vacinas, sendo o método do Ministério da Saúde ignorar as propostas de vacinas a 50% do valor pago aos EUA e Europa. “Nós não temos estrutura tanto porque as nossas lideranças, em especial o nosso presidente, não tem o mínimo de humanidade,

de bom senso faltam as vezes palavras porque até pra me expressar tem sido difícil depois do Covid, mas além dessas lideranças que vão na contramão e tudo aquilo que o mundo inteiro nos diz, que é preciso fazer pra superar uma pandemia, nós temos uma população que segue esse líder cegamente.” Carol, com toda a indignação e sofrimento, disse em alto e bom tom que acha sim que o presidente Jair Bolsonaro é um genocida e que ele deve ser culpabilizado por todo o horror que nós temos vivenciado, porque ele intensificou ainda mais toda a conturbação em torno da pandemia. “Se já era difícil viver uma pandemia, no governo Bolsonaro é ainda pior.”

Além das autoridades do país, a população também teve destaque no negacionismo em relação à vacinação da população e ao tratamento da doença, houve a banalização de uma doença altamente contagiosa, onde jovens e adultos não respeitavam os protocolos de segurança e de distanciamento social. “Nós temos uma grande parcela da população que é extremamente egoísta, arrogante e que não consegue de fato se enxergar no outro, não consegue enxergar que pra gente conseguir sair dessa situação, nós precisamos uns dos outros, porque a gente só vive no coletivo, e são pessoas que se recusam a usar uma máscara, são pessoas que vivem

fazendo aglomeração, que não saem de festas, então sinceramente, como voltar pra dentro da sala de aula? Na minha situação em particular, que cheguei muito perto de perder a vida, por conta da Covid, eu já tinha muito medo antes, depois é claro que isso se intensificou, e eu fico me perguntando como vai ser pisar numa sala de aula e olhar pra pessoas que eu sempre amei, mas que hoje eu enxergo muitos de outra maneira, porque eu vejo um egoísmo tão grande, uma irresponsabilidade, e essas pessoas estão indo pra festas, clubes, ranchos, diversos lugares com aglomeração e vão pra dentro da sala de aula sem o menor pudor, sem o menor cuidado, sem o menor respeito, isso me assusta muito e me entristece ainda mais, porque eu sempre tive paixão pelo que eu faço, mas eu sempre tive amor pelas pessoas, pelos seres humanos que estavam ali comigo, e eu acho que depois de tudo isso nenhum de nós vai poder olhar pras pessoas ao nosso redor da mesma maneira.”

Carol não nega ter se sentido muito desmotivada em diversos momentos a continuar com seus sonhos, a continuar como professora, principalmente, pela decepção que teve com o ser humano, e pelo questionamento que ela ainda tem se feito, se de fato como professora ela é capaz de mudar o pensamento das pessoas, de influenciar o comportamento

dessas pessoas, independente do que aconteça na política, ou dentro de suas casas e isso tem a deixado muito angustiada.

Pedimos, muito receosa, para que Carol contasse com mais detalhes sobre como foi seu processo de recuperação e como foi enfrentar o coronavírus mesmo se prevenindo tanto. “Posso comentar sim, embora eu te confesse que é bem difícil falar sobre o assunto. Em quatro dias de aulas presenciais nesse ensino híbrido, em fevereiro, eu me contaminei, dia 08 de fevereiro começou meu pesadelo, eu comecei tentando me levantar da cama e desmaiando, a minha mãe veio me socorrer, eu me casei mas eu continuo morando na casa da minha mãe, meu marido trabalha em uma cidade fora e vem só de final de semana, então ela me socorreu ali naquele primeiro momento. A gente achou muito estranho, eu já comecei assim, sentindo falta de ar, foi desesperador, nós já procuramos o hospital, minha saturação estava baixíssima, precisei de oxigênio, e aí me socorreram ali, só que na Santa Casa eu não melhorava, eu só piorava, e a gente entrou em desespero e buscamos um médico que já tinha atendido a minha família a uns anos atrás, Dr. Samir, ele me socorreu e eu fiquei em casa, fiquei em casa com tratamento. Gastei o que eu não podia, porque eu não tenho nenhum convênio, mas eu me salvei, só que foi um sofrimento absurdo. Fiquei

mais de um mês e meio tomando medicação na veia, foram mais de 60 injeções, fora todos os outros comprimidos que eu precisei tomar, isso afetou demais o meu psicológico, a minha saúde física, por isso eu disse que eu ainda tenho que recuperar, foram muitos momentos desesperadores, assim, se eu fosse contar...”

Mas Carol também está tentando levar algo de bom dessa situação que ela passou, e como a maravilhosa escritora que é, está escrevendo um livro cuja personagem vai contar um pouco desse episódio, mas ela vai criar uma ficção para poder fazer uma crítica sobre o momento que temos vivido. Além de toda agonia vivida, Carol ainda teve que lidar com o fato de ter infectado sua mãe, que felizmente não teve comprometimento pulmonar, diferente de Carol que teve mais de 50% de seus pulmões comprometidos. “Na verdade a gente não sabe como reage cada corpo, né, ela ficou melhor que eu, e eu me culpava o tempo todo de ter passado pra ela mesmo me cuidando muito, porque eu ia pra escola com duas máscaras, luva e até agora não consigo entender como eu peguei, mas foi na escola, porque eu não ia pra lugar nenhum.”

No momento em que entrevistamos Carol, em junho, o marido dela também tinha acabado de ser contaminado, e

como ela ainda estava com muito pânico, ela sequer estava tendo contato com seu marido, o que é muito difícil já que eles são casados. “Ele me respeita demais e a gente combinou que só depois da vacina, mesmo pra um beijo, ou selinho, não rolava isso desde fevereiro, e a gente sempre se encontrando de máscara, com todo cuidado do mundo, e ele pegou, se contaminou lá em Tupã, que é a cidade onde ele trabalha. Tá isolado lá, graças a Deus com sintomas leves, pelo menos até agora tá tudo bem, eu tenho certeza que ele vai se recuperar, mas é muito difícil passar por isso. Eu tenho certeza que muitos colegas meus vão ter essa dificuldade de lidar com a realidade, questões psicológicas, mas infelizmente eu trabalho também com pessoas irresponsáveis, que simplesmente agem como se não existisse uma pandemia, isso me entristece ainda mais vindo de profissionais da educação.”

Muito feliz, a professora de história tomou a primeira dose o que foi um alívio e, ao mesmo tempo, uma tristeza muito grande porque o ritmo é muito lento. O atraso na distribuição das vacinas é responsável pelo assassinato de milhões de brasileiros, nós já estávamos chegando a quase meio milhão de brasileiros mortos na época, o que é revoltante e inaceitável. “Eu fico pensando nas pessoas que não tiveram a chance de se vacinar e naquelas que, infelizmente,

ainda não tiveram a chance de tomar a vacina, é desesperador. Eu tive alguns efeitos colaterais da vacina, mas passaram rapidamente, acredito também que pelo meu corpo estar fragilizado ainda eu senti mais, mas é uma benção tão grande depois de tudo que eu passei que qualquer dor ou mal estar é pequeno e é gratificante saber que logo eu estarei imunizada e espero que chegue até a maioria das pessoas o quanto antes, mas é uma vergonha o ritmo de vacinação no Brasil, é uma vergonha, na verdade eu acho que é um projeto político né, dessa necropolítica, política da morte mesmo”.

Em todos os lugares do mundo, e principalmente, se não especificamente no Brasil, é possível observar um negacionismo preocupante em relação ao uso de máscaras e os outros protocolos de segurança em relação a Covid. Ainda existem muitas pessoas antivacina em todos os lugares, e Penápolis não seria diferente, existindo muita ignorância, muitas festas clandestinas, muita aglomeração, falta de fiscalização. “Tem tido um grande número de pessoas vacinando, mas a campanha ainda precisa ser maior, e sinceramente eu acredito que muitas pessoas ainda não usam máscaras. Eu moro no centro, não tenho saído de casa, mas basta eu olhar pela minha janela que eu vejo na feira de domingo muitas pessoas sem máscara, então é uma recusa de ter um cuidado,



uma recusa do respeito com o outro, é um descaso com a vida muito grande, e acredito que isso não seja só aqui, mas Penápolis é uma cidade fascista, precisamos reconhecer, sempre foi. Tem um grande número de pessoas aqui que tomou e acredita ainda nesse kit Covid, que eu chamo de kit bolso-minion, porque a gente sabe que não tem eficácia nenhuma e eles continuam tomando e acreditando que isso é capaz de salvar vidas, quando a gente sabe que apenas a vacina pode fazer isso. Infelizmente eu conheço pessoas que tomaram e ainda tomam esse kit e patrões que obrigam seus funcionários a tomarem esse kit, o que eu acho ainda mais grave.”

**16.**

**EM PASSOS**

**CURTOS**



**Y**an Xavier é um jovem de 24 anos que vive no interior de Goiás, em uma cidadezinha pequena chamada Ipameri. Meu amigo de longas datas, sempre foi esforçado e trabalhador, além de já muito novo ter começado a se sustentar apenas com o dinheiro de seu trabalho como entregador e atendente de duas farmácias da nossa cidade, onde chega a trabalhar durante três turnos seguidos, o que se tornou algo mais cotidiano ainda após o Covid. “Eu iniciei meus trabalhos aqui na farmácia antes da pandemia, foi em outubro de 2019”. Mesmo tendo uma resposta óbvia, perguntei a Yan se ele havia começado a trabalhar mais durante a pandemia e se por acaso houve uma regularização no seu salário por conta disso. “O fluxo

de entregas que teve na minha farmácia aumentou bastante com a pandemia, no início dela, agora já normalizou mais ou menos. Mas eu não tive nenhum retorno de salário não, eu só trabalhei mais mesmo.”

Questionei à Yan se quando ele começou a trabalhar em uma farmácia, passou pela cabeça dele que poucos meses depois o mundo enfrentaria uma pandemia, e assim como todos, Yan nunca imaginou passar por isso. “Quando eu entrei eu nem fazia ideia, foi uns cinco meses depois que eu entrei que o vírus começou a se propagar aqui na minha cidade.”

Ipameri é uma modesta e humilde cidade localizada a poucos km de Goiânia, com uma população estimada de 27.365 pessoas, onde boa parte são idosos que vivem em fazendas e chácaras ao redor da cidade, o que de fato fez com que o povo ficasse ainda mais receoso sobre o vírus, já que, o primeiro caso de vírus no Brasil foi em um senhor de 61 anos que deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein e desde o início os dados mostravam que o vírus afetava principalmente pessoas mais velhas e com alguma debilitação.

Até o fim de outubro, foram confirmados 2.888 casos totais confirmados na cidade, 2.779 recuperados, 12 casos ainda ativos, 31 em isolamento domiciliar, 2 hospitalizados, 95 óbitos confirmados e zero óbitos suspeitos. Como

Yan trabalhou em farmácias desde o início da pandemia, nos afirmou com certeza que muitas pessoas procuraram o kit Covid, e que as vendas de remédios específicos para combater o vírus aumentaram muito. “Teve um grande aumento em alguns dos remédios, tipo ivermectina, vitamina c, azitromicina, que são alguns dos remédios que combatem a Covid.” Afirmando também que quando as pessoas chegam na farmácia com sintomas da Covid, eles aconselham ir ao médico, porque os remédios que combatem a Covid precisam ser receitados por um médico. “A gente pede que ele vá a um posto de saúde ou ao pronto socorro.”

Por sorte, mesmo Yan fazendo entregas diárias para pessoas contaminadas pelo vírus, nem ele e nem sua família tiveram qualquer sintoma ou foram contagiadas pelo corona. “Diariamente, a gente tem contato com clientes que foram contaminados, mas a gente toma as devidas providências para não ter contágio, então eu tenho sim o risco de pegar, mas não é tanto pelos meus cuidados.” Mesmo que, segundo ele, as pessoas não estejam se cuidando tanto em relação ao uso de máscaras nas entregas e nem mesmo quando vão à farmácia: “No início, as pessoas se preocupavam mais sim, mas agora, elas estão meio que relaxadas, estão saindo sem máscara, a maioria dos bares estão abertos e elas estão sempre aglomerando.”

Yan não chegou sequer a ter suspeitas de contágio, não tendo que entrar de quarentena, além disso, foi uma das pessoas privilegiadas por não ter corrido o risco de perder seu emprego, levando em consideração também que houve um aumento da procura de farmácias pelos clientes por conta do vírus. “Com isso eu pude ficar tranquilo porque como os postos de abastecimento, mercados e a farmácia foram considerados como trabalhos essenciais, então ninguém acabou fechando as portas.”

Como os entregadores de farmácias em Ipameri foram vacinados como profissionais da saúde, em abril, Yan já estava vacinado, teve algumas reações mas nada que o assustasse. “A vacina que eu tomei que foi a AstraZeneca, na maioria das pessoas deu algumas reações, como febre, dor no corpo, dor de cabeça, entre outros.” Sobre o ritmo da vacinação, quando ainda não estava consideravelmente avançado como está hoje, Yan alegou estar em um ritmo muito lento. “Agora tá aumentando um pouco mais, mas daria sim pra ter sido mais rápido, esse Governo atrasou bastante o ritmo das coisas.”

Mesmo com todos os riscos que corria diariamente com as entregas, Yan não se sentiu desmotivado, assim como muitos trabalhadores, como por exemplo os que viram seu

comércio perder drasticamente o número de vendas. “Desmotivado eu não me senti não, mas cansado, tendo que me acostumar com os protocolos, como usar máscara e passar álcool, foi um pouco chato no início, mas a gente acostuma. Não me senti desmotivado não.”

**17.**

**RESPOSTA  
NA PONTA  
DA AGULHA**



**L**uciana, ou Dra. Luciana, é uma infectologista, e dentro da proposta do tema do nosso TCC, e vivendo o atual cenário epidêmico, não poderíamos deixar de entrevistar alguém que entende profundamente sobre o assunto. Então, escolhemos Luciana que se prontificou a tirar nossas dúvidas. Começamos perguntando para a infectologista o porquê da escolha dessa área não tão popular. “Desde a faculdade eu sempre tive interesse com a infectologia né, e aí quando eu terminei a faculdade, eu acabei prestando a prova de residência e entrei, né, sempre tive interesse, sempre gostei da infecto.”

Falando especificamente da pandemia, no que diz respeito a toda a dinâmica do vírus, quisemos saber se

a doutora acha que nós, no geral, poderíamos ter agido de outra forma, de uma forma melhor pra diminuir a disseminação do vírus ou se ela acha que seria uma coisa que aconteceria de qualquer forma. “Não, a verdade assim, vai ficar aprendizado né, pras gerações futuras, e pra própria ciência de como a gente vai fazer pra conter possíveis novas pandemias, entendeu? Que possam estar afetando o país, o mundo né, eu acredito que ficou um aprendizado muito grande desse começo, quando tudo começou lá na China, acho que ninguém imaginava que isso tomaria essa proporção, se imaginassem com certeza teriam sido tomadas medidas mais drásticas, e a gente já sabe que as medidas de isolamento, o uso de máscaras, muda sim o número de casos, o número de óbitos, então eu acredito que se a gente tivesse tido sim medidas efetivas de combate a doença, de propagação de maior informação para população, a gente poderia sim ter tido um desfecho diferente do que a gente tá vendo.”

Não poderíamos deixar de ouvir sua opinião sobre a história das pandemias e se existiu uma pandemia compatível ao coronavírus, e, segundo a doutora, é difícil comparar porque a gente vive situações e épocas completamente diferentes, o mundo de agora é completamente diferente do mundo que viveu outras pandemias. Por exemplo, a gripe espanhola.

“A gente tem uma capacidade a medir, pelo menos eu achava que tinha, uma capacidade muito maior de conter uma pandemia, então a proporção realmente ficou muito grande para um mundo, entre aspas, evoluído. A gente poderia ter tomado medidas melhores e é difícil comparar porque a gente vive momentos completamente diferentes. No passado, nas outras pandemias, não havia uma globalização igual a gente tem hoje, quantidade de informações, informações rápidas, então se algo é descoberto hoje lá na Europa, o Brasil já tá sabendo no mesmo instante, então realmente é algo assustador, né, a gente viver em um mundo tão evoluído, de todas as formas, científicas e de informação e a gente tá vivendo algo tão grave.”

A rotina da doutora com seus pacientes tem mudado após o Covid, já que ela não poderia estar tendo contato diretamente com pacientes infectados porque desde de quando começou a pandemia ela estava gestante de 33 semanas. “Quando chegou o primeiro caso em Goiânia, onde eu trabalhava, eu tive que sair, porque a gente não sabia praticamente nada da doença, então eu afastei de tudo, aí meu neném nasceu e depois que ele nasceu eu voltei uns meses depois, mas sempre por telemedicina, eu nunca retomei assim, diretamente, eu já atendi Covid mas não era pra ter atendido, acabei atendendo, eu atendo por telemedicina, já atendi muito paciente, muito.”

“Eu tive um primo que pegou Covid e foi esse ano, mas assim a família não se vê, assim, eu vejo meu pai, minha mãe, que moram junto comigo, ao lado da minha casa, meu marido, meu bebê. Fiquei muito tempo sem ver meus irmãos, então assim, a gente se isolou total, tios, tias, primos, eu não vejo há mais de anos, entendeu? Eu realmente fui muito radical, muito radical, e eu acho que isso serviu pra própria família entender a gravidade do problema, entendeu? E acabou que ninguém teve a doença.”

Ao questionar qual é a importância da vacina e se na opinião da doutora ela é realmente eficaz, ela respondeu que sim, com certeza. “Desde o surgimento das primeiras vacinas, a gente sabe que é o que muda a epidemiologia de uma doença, é a vacinação, e a vacinação em massa, né, a ciência hoje em dia está evoluindo, a vacina foi desenvolvida muito rápida, justamente porque a gente tem boas tecnologias, o mundo inteiro envolvido nisso, então não tem porquê questionar o tempo de desenvolvimento dessa vacina, né, a gente teve o mundo focado nisso então o resultado não poderia ser diferente, e a gente só vai conseguir mudar a realidade dessa doença, os números de casos, vacinando, vacinando em massa.”

Sobre a eficácia de uma vacina ser melhor que a de outra, a doutora tirou nossas dúvidas a respeito, deixando claro

que tudo pode ser diferente de uma vacina para outra. “É porque assim, uma é com adenovírus, a outra é com vírus ativado, assim, são métodos de produção diferentes, isso acontece pra todas as vacinas, né, existem várias metodologias de produção, coronavírus não é diferente. Agora, a gente tem visto sim eficácia da vacina, redução de mortalidade, redução de casos graves, então a vacina que estiver disponível, a pessoa tem que tomar, a gente tem que ter um número grande de pessoas vacinadas.”

Em relação às porcentagens e ao número de pessoas que devem se vacinar pra gente obter um resultado significativo, Dra. Luciana disse que Israel vacinou mais ou menos 66% da população e lá eles conseguiram controlar a doença. “A gente não sabe bem que número que a gente precisa vacinar, em porcentagem, para adquirir uma imunidade de “rebanho”, entre aspas né, mas é mais ou menos isso. Algumas doenças, por exemplo o sarampo, você precisa de um número muito maior, mais de 90% pra você conseguir conter a doença, entendeu? Tanto que o Brasil perdeu o certificado de erradicação do sarampo.”

Não poderíamos deixar de perguntar qual a sua opinião sobre a vacinação no Brasil e o que ela está achando sobre o ritmo, como está funcionando, e ela alegou estar muito lenta,

já que o Brasil tem capacidade pra vacinar muito mais gente e já fez grandes campanhas de vacinação, vacinação em massa, vacinando milhões de pessoa por dia. “É claro que a gente tem esse impasse de quantidade de vacinas, fornecimento, né, o mundo todo tá de olho, mas tá lento, tá muito lento, precisa acelerar.”

E sobre as pessoas vacinadas com as duas doses ou as que já pegaram vírus, se elas podem se sentir mais confiantes de sair sem máscara na rua, porque é o que está transitando no Senado, o Ministério da Saúde já quer retirar o uso obrigatório de máscaras pra essas pessoas, e nós perguntamos se ela acha que já é o momento pra isso. “Não, de forma alguma, não é o momento, a gente tem uma quantidade mínima, muito pequena da população vacinada, uma grande circulação do vírus, os hospitais ainda estão lotados, a gente sabe que as pessoas vacinadas podem adquirir a doença e transmitir, elas vão ter um quadro mais brando, não vão evoluir com quadros graves, mas elas vão transmitir, e elas estão convivendo com pessoas que não estão vacinadas, então, no Brasil, não era hora nem de estar pensando nisso, questão de máscara, era pra estar reforçando o uso, né, não era hora.”

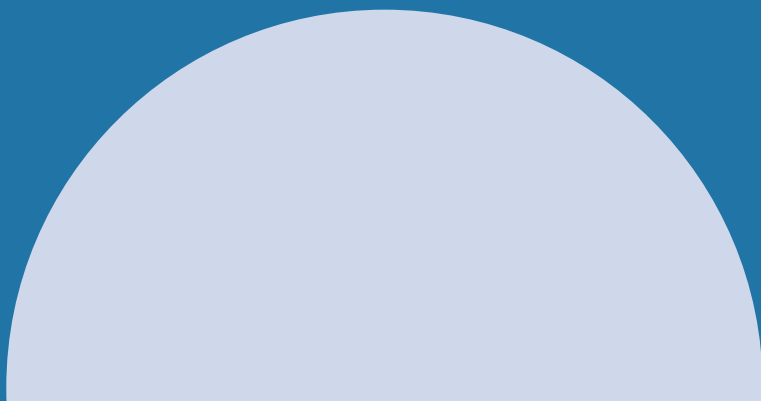
Assim, como para vários profissionais, principalmente da área da saúde, foi muito difícil para Luciana continuar

com a mesma rotina de trabalho, sendo essa completamente diferente de antes do coronavírus. “Nossa, tive que mudar a minha vida inteira, pelo fato do bebê em casa né, de eu ter um bebê em casa, meu marido ter problema no coração, então foi um tormento, e meu marido agora vacinou, a minha família tá vacinada, fico um pouco mais tranquila, né, mas é horrível.”

E mesmo Luciana sendo tão envolvida e apaixonada na sua área de atuação, quando ela se formou jamais imaginou que ia passar por algum momento parecido com esse. “Nunca, nunca! Nunca imaginei que fosse viver uma pandemia não.” E ao questionarmos quais foram suas impressões quando os casos começaram lá na China, ela disse pressentir sim que a partir dali iria apenas se agravar. “Desde o começo a gente já sabia que isso ia acontecer, porque foi se espalhando muito rápido, né, tinha características pra realmente se tornar uma pandemia, então a gente já previa mesmo que isso aconteceria, e vai continuar acontecendo se realmente não forem tomadas medidas melhores de contenção de doenças.” Alegando também que, sem dúvidas nenhuma, a questão ambiental interfere no surgimento de novas pandemias.

**18.**

**“PRIVILÉGIOS  
DA SERVIDÃO”**





**C**ompreender como inúmeros eventos interferem diretamente em realidades locais é o pressuposto da análise que busca explicar como a pandemia em países periféricos se mostrou mais devastadora. A totalidade é um termo que acompanha todos os estudos em torno da prática jornalística e deve estar presente nessa abordagem.

Como toda história, devemos começar esta parte do livro pelo que deu origem à tudo. A faculdade nos ensina um pouco mais do que esperamos aprender. Além da íntegra abordagem sobre uma área específica de estudo científico, moldamos também nossa visão de mundo e vida em sociedade. O início sempre parece uma empolgante experiência,

para alguns, intensa demais, para outros, apenas um capítulo de passagem. Há temas universais importantes para o desenvolvimento de qualquer profissional, como a sociologia, a antropologia e a política. Silvio Costa foi o grande mentor dessas disciplinas no curso de jornalismo na faculdade. Sempre pontual e bem preparado, ministrava suas aulas com prazer e vontade de nos despertar pontuações críticas sobre as relações humanas de poder. Um homem baixo, barbudo e até um pouco carrancudo, cheio de ideias e expressões. Toda segunda e quinta preparava slides cheios de textos complementares, com músicas, frases e outras contextualizações pertinentes, responsáveis por nos ensinar ainda mais sobre a improbabilidade de eventos isolados.

O entendimento prático de teorias da sociologia pode parecer difícil e, até mesmo, desnecessário. Muitos registros históricos e estudos sobre os processos do homem em sociedade são os únicos capazes de nos responder perguntas pertinentes a qualquer área de estudo que lide, ou não, com a natureza humana. Escritos sobre os contratos sociais entre o “subordinado” e o “superior” nos mostram como as relações de poder estão presentes diariamente em tudo o que fazemos e acreditamos ser. A luta pela dominação de bens materiais, ou não, foi, e ainda é, responsável pelo surgimento

de polos sociais subalternos e desiguais que, em momentos de crise, como na pandemia, se revelam mais presentes do que imaginamos.

Em resumo, tudo o que acreditamos possuir e entender é fruto dessas relações de poder, capazes de permitir nosso consumo e acesso a tudo que já foi construído e moldado pelo homem. Grande parte desses temas abordados pelo professor Silvio nos levaram a enxergar a sociedade de uma outra forma. Todos esses pressupostos se integraram em uma pesquisa específica dentro da necropolítica que realizamos. Essa pesquisa busca entender, além das histórias e relatos que contamos, o que está por detrás de todos esses acontecimentos e o que poderia justificar tamanha desigualdade e miséria.

No início, nosso grupo priorizou compreender de perto a realidade dessas pessoas, entender a sensibilidade do tema e construir uma narrativa mais intimista. O segundo passo foi, como jornalistas, buscar meios que pudessem explicar o problema, escutar os diversos lados possíveis de uma mesma história e entender nosso papel como cidadão nesta tarefa. Silvio sempre foi uma busca recorrente em nossos trabalhos na faculdade. Suas ideias e esclarecimentos eram importantes contribuições para nossas pesquisas diárias. Assim,

como durante todo o processo de construção do nosso livro, o termo ganhou vida e se mostrou cada vez mais presente, até mesmo em nossa realidade de privilégios. Silvio, sempre disposto a participar e debater, não pôde contribuir em um dos trabalhos que consideramos o mais importante. Havia perdido um parente próximo e revelado não ter condições emocionais para nos ajudar. A estarrecedora notícia nos fez acreditar que não seria possível encontrar um político social íntimo o suficiente do tema para compor nossa lista de entrevistas com especialistas. A pandemia dificultou muito o acesso à fontes, as pessoas ainda não estavam familiarizadas o bastante com os meios virtuais e não sentiam-se à vontade para conceder entrevistas presenciais, o que realmente não era seguro no momento.

Maria Aparecida Guimarães é formada em políticas sociais e construiu seu reconhecimento na área através da militância. Maria, que também é professora na PUC Goiás, foi uma das indicações feitas por Silvio, além de ser conselheira municipal de assistência social. Ela fez parte do movimento comunitário em Goiânia e do movimento sindical de São Paulo.

Maria aceitou participar da nossa entrevista e explicou um pouco mais sobre o tema por meio de uma vídeo chamada. Em seu ponto de vista, política é tudo aquilo

que perpassa o cotidiano no nível micro e macro da vida em sociedade e, portanto, trata das relações de poder interpessoais ou não. “Normalmente, quando eu trato algum tema assim, eu trato mais na perspectiva coletiva do que na perspectiva individual. O necro vem de necrose, vem de redução e concentração de política de uma forma menos equânime”, diz.

Maria Aparecida e outros professores da Universidade Federal de Goiás, como Pedro Célio, participaram de um conselho para a elaboração de um dicionário da pandemia, com novos termos e conceitos. “A pandemia hoje está chamando atenção, mas ela não é responsável pelo quadro sócio-político e econômico que nós vivemos, esse quadro veio anteriormente, ele foi construído desde que a modernidade se instalou e desde que a sociedade de classes começou a ser organizada e colocada como estrutura e espinha dorsal. Sendo uma sociedade em classes, alguns indicadores são políticos e ideológicos, neste momento, são sanitários. Porém, a gente tem que pensar como a sociedade se organiza e enfrenta qualquer momento”, afirma Maria.

Essa crise sanitária não é única na história da humanidade. Passamos pela peste negra e pela gripe espanhola que, apesar de diferentes noções de tempo e espaço, também

causaram danos simbólicos à sociedade e revelaram falhas na distribuição e na organização do poder. Nós vivemos em uma sociedade tecnológica, com uma ciência mais avançada e que possui outra possibilidade de acesso aos bens de serviço. A pandemia não deveria ter sido um motivo pra tanto espanto e tanto prejuízo. A sociedade, como uma sociedade de classes, atingiu um grau de concentração de riquezas tão grande, que a maior parte da população, hoje, vive em situação de pobreza.

“Quem é escalado pra morrer? A gente pode até se perguntar, mas estamos vendo muita gente rica, bem situada na vida, morrendo. Apesar disso, desde o começo da pandemia e desde o momento em que as mortes começaram a se intensificar, o alvo maior é o pobre. Por que é o pobre? Por que ele não tem condições de bem-estar suficientes para se preservar no ponto de vista sanitário. No ponto de vista maior, ele foi tão prejudicado que quando houve a adoção do isolamento social, quem foi demitido? Quem não conseguiu se isolar?”

Em uma de nossas entrevistas com pessoas em situação de vulnerabilidade, conhecemos o Rui e sua esposa. Rui vive em uma casa com três cômodos e divide o lote com outra família. Por volta de um ano atrás, teve sintomas de Covid-19 e decidiu ir ao médico. Com o diagnóstico positivo da

doença, Rui foi aconselhado a se manter isolado da família, em um quarto separado, para evitar a disseminação do vírus. Rui, que divide o único quarto da casa com a esposa e os filhos, não pôde seguir a orientação.

“É diferente eu ter uma casa de dez cômodos, onde eu posso separar as pessoas, e eu morar com outras dez pessoas num cômodo só, ou dois cômodos. Como eu vou me isolar do outro nesta condição? Existem fatores anteriores à pandemia. Por exemplo, a política econômica de emprego e trabalho que vem reduzindo cada vez mais as condições de vida da sociedade. Nós temos uma possibilidade de traduzir isso numa nova forma de estruturação produtiva que cada vez mais vai deixando de lado as pessoas que estão em situação de vulnerabilidade. A legislação, as mudanças nas relações trabalhistas e as mudanças no mundo do trabalho acentuaram o que o Antunes indica como a ‘ampliação da servidão’. Marilena Chauí também fala sobre essa servidão voluntária”, diz Maria.

O pobre não tem outra saída, além de submeter-se às péssimas condições de trabalho, duras jornadas diárias e salários totalmente incompatíveis com a realidade econômica, exemplos da normalização da miséria e da escravidão, como termos comuns à classe baixa em países periféricos.

Ricardo Antunes classifica em seu livro “Privilégios da Escravidão” as principais tendências da classe trabalhadora na atualidade. A primeira consiste na digitalização do trabalho, não necessariamente menos penosa, o que resultou na redução do trabalho manual em certas áreas e ampliação em outras. A superprodução de smartphones, na era digital, afetou diretamente a extração de minério, que acontece de forma manual e, agora, mais intensa. Esse é um dos exemplos da primeira tendência. A combinação entre essas duas formas de trabalho contribuiu para a ampliação do “neoliberalismo sobre a hegemonia do capital financeiro” e para o surgimento da segunda modalidade: o trabalho intermitente, atividade informal ainda mais presente após a reforma trabalhista de 2017.

O trabalho digital não garante ao servidor horas definidas. A tecnologia reduziu a polarização do que é público e privado, e as empresas que investem nessa modalidade correm constante risco de falência. Essa realidade se intensificou ainda mais durante a pandemia, em que o uso das plataformas digitais tornou-se essencial para o funcionamento das empresas. O trabalho manual não deixou de existir e a tecnologia não é usada para torná-lo menos pesado, pelo contrário, tem gerado uma intensificação dos ritmos, do tempo e do volume.



“Os jovens de hoje que tiverem sorte, serão servos. Horas de trabalho que levam dias e noites, metas sempre maiores que nos dias anteriores, a ideia de trabalhar e criar para a empresa como se fosse deles. [...] O capitalismo do nosso tempo, da era informal, digital e financeiro converteu um valor em um desvalor. Só que o desvalor é vital para criar um outro valor, que dá riqueza às grandes corporações. Por isso temos esse quadro trágico mundial do trabalho hoje, e o Brasil avança celeremente para um processo não de pauperização ou empobrecimento, mas de miserabilização acentuada da sua força de trabalho”, diz Ricardo Antune em “Privilégios da Escravidão”.

“Isso também tem preocupado outros países, por que não é um problema local. A Organização das Nações Unidas (ONU) definiu o século XXI como o redutor da pobreza e da desigualdade. A pobreza é uma perspectiva que está inerente ao sistema, mas a pobreza absoluta e a miséria não podem ser um interesse do capitalismo. Essas condições deixariam de garantir trabalhadores suficientes para fazer o sistema andar. Tanto o capital, quanto o campo do trabalho precisam ter certas condições para viver, mas o segundo é sempre dominado”, diz Maria Aparecida.

Maria destaca essa emblemática como o aspecto econômico referente à pandemia. “O Estado, que no século XIX era o

Estado máximo, foi criado para o bem-estar social. Chegamos ao século XXI com um Estado mínimo, um Estado que não se compromete mais com as condições de vida do povo. Isso está muito mesclado e muito disfarçado pelo setor privado. Hoje em dia, é o mercado quem dá as cartas. O Estado se eximiu dessa responsabilidade. Tanto se eximiu como ao chegar a pandemia, nós não tínhamos a quem recorrer. O mercado é como uma locomotiva, os vagões de primeira e segunda classe são suas responsabilidades, já o resto ele joga pro Estado. Ou seja, o cidadão pobre hoje não é o cidadão que a gente normalmente define, é o cidadão de segunda categoria que corre atrás daquilo que o Estado não quer mais assumir e que o mercado, por sua vez, também não se acha responsável”, afirma Maria, a partir de uma perspectiva política.

“No ponto de vista ideológico, nós vamos ter outro agravante, que é o ressurgimento do conservadorismo, que não é único, não é brasileiro, mas surgiu no mundo todo e, no Brasil, ganhou uma proporção pelas dimensões e importâncias políticas. A democracia está em crise. Os espaços ocupados pelo conservadorismo refletem onde a democracia não funcionou. Esse conservadorismo, que surgiu algum tempo atrás com Edmund B., defende o status da desigualdade, de valores éticos baseados numa religiosidade não científica e

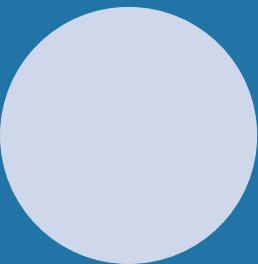
é o que predomina, disfarça e resgata um falso moralismo. Esse falso moralismo é pela manutenção do sistema. O conservadorismo tem essa característica, de resgatar valores não transformadores, valores que garantem a permanência da não cientificidade. Isso reflete na política com um posicionamento muito sério, que é o de dar sustentação a uma realidade que já está deteriorada, onde a injustiça está cada vez mais aprofundada e onde as condições de vida são mais degradadas”, diz.

Na realidade histórica, os movimentos sociais sempre existiram e sempre existirão. Não são classificados a partir de uma ideia quantitativa de sua representatividade, mas como campos de atividades sociais geradoras de criatividade e inovação. São fontes de diagnóstico da realidade social e constroem propostas. Agem com o objetivo de lutar contra a exclusão, a favor da igualdade e da justiça. A primeira década do século XXI marcou o retorno dessas ações coletivas na América Latina e simbolizou, nas palavras de Touraine (1984), “a radicalização do processo democrático e o ressurgimento das lutas sociais”. Outro aspecto importante, é a ampliação das fronteiras dos movimentos sociais rurais, articulados ao movimento comunitário barrial, especialmente no México e na Argentina, assim como o MST no Brasil.

No Brasil, e em diversos outros países da América Latina, grandes movimentos sociais ganharam forma durante a luta contra regimes militares em ascensão, no fim da década de 1970, e em grande parte dos anos 80. Essa Era movimentista perdeu força, após 1990, com o fim das ditaduras e o declínio das manifestações de rua. A partir disso, outras formas de organização social surgiram, como os Fóruns Nacionais de Luta pela Moradia, pela Reforma Urbana, o Fórum Nacional de Participação Popular etc. “À medida que as políticas neoliberais avançaram, outros movimentos sociais foram surgindo: contra as reformas estatais”, afirma a autora do artigo “Movimentos sociais na Contemporaneidade”, Maria da Glória Gohn.

**18.**

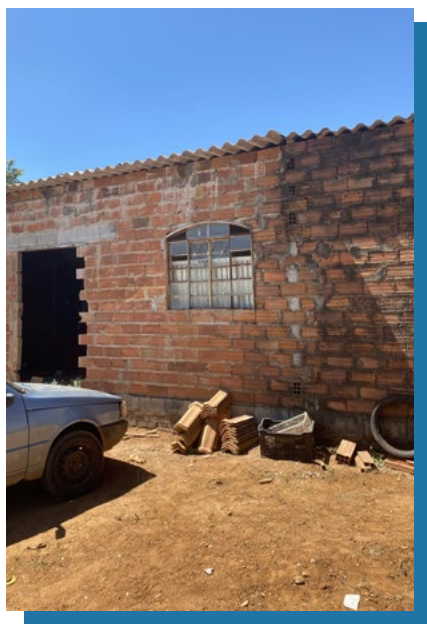
**A INSTITUCIO-  
NALIZAÇÃO  
DA VIOLENCIA**



Isso pode parecer fácil de resolver, mas não é! Há muito tempo, esses mecanismos estão sendo estruturados para essa realidade. “Os movimentos sociais são exemplo disso, reforçaram a concentração, desgastaram e esvaziaram a representação política. Esses movimentos estão fragmentados por acontecerem em momentos de fluxo, quando as contradições atingem um alto nível de indignação, mas não é bem assim. As estruturas, hoje, e a própria tecnologia mudaram a forma de comunicação. Em outras épocas, vocês estariam aqui na minha casa, estariam na sala de aula, estaríamos até em um buteco conversando, mas nós estamos conversando de forma virtual, isso na minha casa, cada um na sua casa, o que fragmenta aquela concepção de união, de aproximação e de mobilização”, conclui.

Maria nos conta como as redes sociais exercem um importante papel no distanciamento das pessoas em relação aos movimentos sociais. “Nas redes sociais eu posso me manifestar, mas eu tenho preguiça de um sindicato, não vou na associação de moradores ou em uma manifestação. Os movimentos sociais, de um modo geral, não desapareceram. Temos registros da Primavera Árabe e de outros movimentos na Europa. Claro, a internet ajuda a mobilizar, quando devidamente utilizada. Mas esse processo não está isolado, houve um esvaziamento das instituições de representação popular intencionalmente, ao longo do tempo, e a criminalização dos movimentos. Quem participa é taxado como comunista, quem participa é porque não tem o que fazer, é bandido. Tudo isso está inserido e contextualizado ao longo das últimas décadas. Foi formatado e construído, porque tudo na sociedade, tudo o que acontece no mundo da política, da economia, da ideologia e no mundo cultural é uma construção social. Entretanto, o que nos interessa é que, depois da gripe espanhola, a ciência conseguiu controlar bem. A tuberculose e a hanseníase que haviam sido erradicadas aqui no Brasil estão voltando. A diferença é que, antigamente, elas eram tratadas a partir do isolamento dessas pessoas, eram enviadas a abrigos, asilos e sanatórios. Hoje em dia, o tratamento ambulatorial”, diz Maria.

Conforme a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), a extrema pobreza atingiu os maiores níveis não observados na última década, assim como aumento no índice de desigualdade e participação no mercado de trabalho por mulheres. A pandemia expõe diariamente as falhas estruturais das sociedades latino-americanas e os altos níveis de informalidade, como apresentado por Antunes em “Privilégios da Servidão”, quando aponta a digitalização do trabalho e o trabalho intermitente como novas modalidades do setor. A crise aponta, também, aspectos da injusta divisão sexual do trabalho, que comprometem os direitos e a autonomia feminina no mercado. “Persistem as lacunas entre os grupos populacionais: a pobreza é maior nas áreas rurais, entre crianças e adolescentes; indígenas e afrodescendentes; e na população com menores níveis educativos. O aumento dos níveis de pobreza e de pobreza





extrema seria ainda maior sem as medidas implementadas pelos governos para transferir renda emergencial para os domicílios”, acrescenta o documento da CEPAL.

“A pandemia atingiu as condições de moradia. O Estado simplesmente lavou as mãos porque não se vê na obrigação de desempenhar políticas públicas. A população negra também foi a mais atingida, considerando que a pandemia ampliou violência dentro e fora de casa; a violência étnica, racial e de gênero. Essa permanência do homem na casa intensificou o número de atos violentos contra a mulher, contra a criança e o adolescente, cresceu o número de violência sexual e de violência física. A escola, que antes servia como refúgio ou abrigo para as crianças e adolescentes violentados em casa deixou de funcionar nos moldes tradicionais. O ensino virtual, para a população de classe média acima, pode funcionar, porém de classe média abaixo, não funciona. Muitos alunos tiveram que abandonar os estudos, abandonar a faculdade. Tudo isso aprofunda as incertezas sobre o futuro dessa gente e aumenta ainda mais a desigualdade. Quem deixou de aprender? Quem deixou de ler? Quem deixou de ter aula? Os pobres! Nunca houve uma dominação ideológica tão clara e tão autoritária quanto agora, pelo menos que eu conheça. Esse discurso negacionista,

que busca impedir o avanço da ciência, que não investe em saúde, em educação, em políticas públicas sociais, é totalmente desatualizado porém com uma repercussão cada vez maior. Weber explica a relação entre a ética protestante e o espírito capitalista. Quando o Brasil era colocado lá embaixo no grau de desenvolvimento entre os países no mundo, nós éramos, em sua maioria, católicos. Agora, que o Brasil alcançou o patamar de sétima economia do mundo, o catolicismo reduziu demais e houve um crescimento extraordinário das seitas evangélicas. Isso não é por acaso, tempo é dinheiro e faz parte da ética protestante. Essas seitas têm uma força muito grande, porque reforçam essa ideia de que não é pecado correr atrás do dinheiro. Você tem que pensar em você mesmo, então você tem que ser individualista mesmo, e isso tudo cola. Cola por que a gente tem uma dose de egoísmo muito grande dentro da gente, e isso daí vem justificar tudo”, conclui a socióloga.

**19.**

**O ANALFA-**

**BETISMO**

**VIRTUAL**



**A** partir dos relatos de alguns comerciantes do centro de Goiânia, decidimos analisar a dinâmica bancária como componente desse processo. Paulo, dono de uma livraria localizada na avenida que abriga o polo financeiro da região central, nos contou o motivo por trás da redução de suas vendas. Apesar da economia fragilizada pela crise sanitária, os interessados em livros físicos continuaram consumindo o material, considerando ainda que, pelo permanente funcionamento dos bancos, o movimento não sofreu tamanha redução. Fiona (nome fictício) que trabalha no Banco Itaú há mais de 20 anos, conta como a instituição lidou com todas as dificuldades trazidas pela pandemia e cuidou de seus funcionários e clientes.

O banco Itaú abriga uma porção de clientes mais pobres em relação a outros bancos. Além disso, oferece serviços especiais aos idosos, que também somam grande parte da clientela. Esse público requer mais atenção e prioridade no atendimento, especialmente por conta da disseminação do vírus. Fiona revela como se sentiu nos primeiros meses da pandemia. Ela trabalha em várias agências e teve contato com inúmeras pessoas que perderam familiares e amigos para a Covid. Ela também sofreu perdas, colegas de trabalho que infelizmente não resistiram e morreram em consequência do vírus. “No início realmente foi difícil. Na primeira semana, eu entrei em pânico por que num dia a mãe da minha colega morreu, no outro dia o pai de fulano estava entubado na UTI, passavam três dias: ‘meu pai morreu’. Eu tinha minha mãe em casa, talvez eu tivesse chance, mas ela não.”

Fiona conta também como a pandemia expôs ainda mais pessoas em situação de vulnerabilidade. “A nossa agência trabalha mais com pessoas carentes, que não têm condições financeiras nem para comprar máscaras, eu morria de dó. Alguns idosos usavam máscaras que não tampavam nada. Recebi a notícia de aposentados que iam ao banco e acabaram morrendo, falavam pra gente: lembra daquele senhorzinho que vinha aqui todo dia? pois é, morreu. Perdemos clientes que conhecíamos há muitos anos”.

Segundo Fiona, os idosos têm mais dificuldades com o acesso virtual de suas contas no banco e, muitas vezes, até preferem ir à agência e sacar o dinheiro, o que hoje em dia já não é mais necessário. “Eles fazem questão de ir, 90% daquelas pessoas que estão nas filas não precisam estar lá. A gente tinha muita preocupação, as pessoas ficavam naquele sol quente do lado de fora esperando horas e horas. Isso gerou muito estresse e nós fizemos de tudo para realizar um atendimento ainda melhor e não piorar a situação”, diz.

Fiona é gerente operacional e trabalha com a parte interna do banco, da fiscalização desde a limpeza, até a vigilância. Ela conta como a pandemia trouxe benefícios ao setor financeiro e adiantou propostas de desenvolvimento tecnológico dentro das agências. Essas propostas já faziam parte das discussões bancárias, mas ainda não haviam encontrado meios para se adequar. “A mudança tecnológica que o banco pretendia fazer daqui 5 anos fez agora, fechou um monte de agência, as pessoas foram obrigadas por livre e espontânea pressão a se digitalizar, tinha muita gente que ‘ah eu só faço isso no caixa’ e hoje não pode mais fazer por conta da pandemia. Então, de alguma forma, as pessoas foram obrigadas a aprender a mexer na internet, baixar o aplicativo. Para nós mudou muito, eu gosto do contato com o cliente”.

Fiona acredita que o banco não se prejudicou economicamente com a pandemia, apesar de oferecer todos os serviços necessários aos seus funcionários e clientes. “As pessoas no banco com doenças autoimunes ficaram em home office, as grávidas também não estão trabalhando na agência. Outra coisa que mudou foi que o banco, antes, não trabalhava com notebook e agora distribuiu um aparelho pra todo mundo, por que caso aconteça alguma coisa todos trabalham em casa e não ficam parados. Economicamente eu não acho que o banco se prejudicou. Eles aproveitaram a pandemia e fizeram as mudanças que já queriam fazer há anos. Em Goiânia, ao todo, quinze agências fecharam, aquelas que já estavam nos planos de fechar. No Brasil, foram mais de trezentas agências”.

‘As pessoas geralmente têm medo de mexer no celular e baixar o aplicativo. A maioria dos nossos idosos são analfabetos, mal assinam o nome, se vai para um setor nobre, os filhos e netos ajudam mais. Dependendo da região, até os filhos são analfabetos. A nossa população é muito pobre, não lê, pede orientação para tudo, eles não têm esse hábito e sofrem muito por conta disso’, conclui.

O Brasil celebra, no próximo mês, o dia nacional da alfabetização, em alusão à data de criação do Ministério da

Educação e Cultura. Atualmente, mais de 11 milhões de brasileiros não sabem ler nem escrever. A suspensão das aulas presenciais e as baixas possibilidades de adaptação virtual pela classe baixa prejudicou ainda mais o frágil Plano Nacional de Educação, que tinha como objetivo erradicar o analfabetismo no país até 2024.



# 20. SELEÇÃO

**A**pós horas de espera, conseguimos um encaixe nos atendimentos do Dr. José, o clínico geral trabalha há décadas no Hospital Jardim América, próximo à T-63, importante via de acesso a várias regiões da capital. A clínica costuma receber pacientes de todo o estado, devido ao número de profissionais especializados em diversas áreas. “Atendemos vários pacientes, no início, nós não sabíamos da doença, estávamos expostos. O vírus foi se espalhando de forma geométrica e a disseminação pelo ar é uma novidade pra medicina”.

No dia 11 de março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia devido à disseminação do coronavírus, três meses após o primeiro caso registrado

na cidade de Uhan, China. À princípio, uma pandemia pode ser classificada como a contaminação mundial de uma nova doença para qual as pessoas não possuem imunidade. É uma condição natural que faz parte da existência humana e, na concepção de muitos cientistas, cumpre um importante papel no processo de desenvolvimento e adaptação dos seres vivos.

Os seres humanos convivem diariamente com inúmeros micro-organismos que, quando capazes de se reproduzir e hospedar facilmente, são grandes responsáveis pelo surgimento de crises sanitárias mundiais, como as pandemias. Ao longo da história, viagens, atividades comerciais, guerras, invasões e movimentos migratórios contribuíram para a propagação de doenças. Registros históricos mostram como essa propagação foi usada como arma biológica para dizimar populações. No Brasil, grande parte das tribos indígenas que existiam originalmente no país foi extinta durante a colonização do território por comunidades europeias. A baixa imunidade dos grupos tradicionais, assim como seus hábitos coletivos, intensificaram a disseminação de micro-organismos trazidos pelos exploradores. Esse relato nos mostra como alguns fatores tornam determinados povos mais vulneráveis à contaminação, especialmente em países perifé-

ricos, como no Brasil. Doenças como varíola, sarampo, febre amarela e até mesmo a gripe estão entre as razões para o declínio das populações indígenas. Segundo estimativa da Funai (Fundação Nacional do Índio), em 1500, o Brasil abrigava mais de 3 milhões de índios. Hoje em dia, o número caiu para cerca de 750, de acordo com dados do governo.

“No Brasil, a doença atingiu primeiro os ricos, nas grandes capitais, e depois foi pra periferia. São pessoas que têm contato com esses ricos, pegam o ônibus e levam o vírus pra casa, essa é a dinâmica da doença”.

A peste bubônica, uma das pandemias mais letais da história, matou de 75 a 200 milhões de pessoas no mundo entre 1346 e 1353. A doença revelou na época uma realidade ainda presente no surgimento de novas pandemias: o rompimento das relações sociais. A República de Veneza, localizada atualmente no território italiano, criou durante a peste o que conhecemos como quarentena. Com pessoas isoladas em casa, a cidade viveu um trauma coletivo, “confrontada com a angústia cotidiana e obrigada a um estilo de existência em ruptura com aquele a que se habituara”, disse o historiador francês Jean Delumeau em “História do medo no Ocidente, 1300-1800: Uma cidade sitiada”.

“O governador do estado bloqueou todas as clínicas

particulares. As pessoas ficaram em casa para ver como a doença iria se comportar, não dava pra saber como ia ser, não dá pra colocar a culpa toda no governo por que a doença ia matar mesmo, ia espalhar com muita facilidade, não dava pra saber a quantificação. É a história natural da doença, lembram do Charles Darwin? É a seleção natural, mesma coisa, o vírus está se adaptando em nós, ele entra como hospedeiro mas acaba o matando, é uma simbiose. Ele está se adaptando, está criando novas cepas”, confirma Dr. José quando questionado sobre o papel das grandes autoridades no combate à pandemia.

A gripe espanhola no Brasil plantou a semente do Ministério da Saúde. Após a eclosão mundial em 1918 e a disseminação na Bahia, as autoridades empregaram uma corrida médica, científica e sanitária contra a gripe, para a qual também não havia tratamento, nem vacina. Para o Dr. José, a época da entrevista, a vacinação no Brasil estava proporcional à população.

“Nós temos 210 milhões, não se pode comparar nenhum país ao nosso. Os jornalistas fazem uma linguagem seletiva, não fazem a comparação, pra mostrar que tá vacinando demais. Só que, proporcionalmente, em outros países, nós estamos numa média boa, no ranking mundial, estamos em

oitavo ou décimo lugar, 40 milhões de brasileiros vacinados. A chave do sucesso é a vacina, por que assim você diminui a transmissão”.

As pandemias foram e ainda são muito usadas para fins políticos. Em 2009, a emergência da H1N1 prejudicou as relações comerciais do México. O país é um dos maiores produtores de carne suína do mundo. Hoje em dia, o coronavírus se tornou motivo para manifestações de racismo e xenofobia contra comunidades asiáticas.

A peste bubônica foi uma das responsáveis pela transição do feudalismo para o modelo de economia baseado no comércio, o capitalismo. Enquanto isso, a varíola facilitou a conquista dos colonizadores nas Américas e a febre amarela ajudou a expulsar os franceses do Haiti no século 19.

“O lockdown foi muito simples, faltou coordenação do Governo Federal, chamar todos os seus secretários de saúde e buscar combater em conjunto. O presidente errou nesse ponto, não deixou o ministro da saúde trabalhar. Mandet-ta estava aprendendo, ele ia errar. Eu sou brasileiro, servi o exército como médico, sou oficial do exército brasileiro de reserva, mas o general comandando não é médico, não entende. A vacinação tenta reduzir a curva de transmissão. Existe o lado social também, a questão dos ônibus, não tem

jeito. Muita gente precisa trabalhar, muitas empresas quebraram, restaurantes fecharam, 14 milhões de desempregados. Começou em março, carnaval passando, por que o presidente não bloqueou o carnaval? A pandemia foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Não se pode passar em cima da medicina”.

Dr. José Chamel se mantém inconformado com o desrespeito à comunidade científica. Ele e seu filho trabalharam todo o tempo na linha de frente de combate, em várias unidades de emergência. “Os médicos são heróis anônimos. Estamos salvando vidas e tentando não contaminar nossas famílias”, diz.

“A turma que está nesses hospitais veem pessoas morrendo, colegas morrendo, isso é um trauma inesquecível e a luz nossa é a vacina, 100% eficaz. Você vai denegrir um Instituto Butantã de 120 anos, meu amigo? Tem cientista lá que é petista roxo, são médicos e cientistas de todos os partidos, estão cuidando da vida. H1N1, febre amarela, tétano, soros antipeçonhentos. Altamente cientistas bons, o Brasil precisa investir nos cientistas”.

Um estudo realizado pela FGV (Fundação Getúlio Vargas), em abril de 2021, aponta que 9 a cada 10 médicos tiveram a saúde mental afetada no contexto da pandemia. Por

região, os relatos de impacto negativo revelam um cenário mais crítico no Sul (89,8%), Centro-Oeste (85,3%) e Sudeste (83,8%), em comparação com o Nordeste (74,5%) e o Norte (73,3%). Apenas 19,1% dos profissionais contam com algum apoio neste momento.

Claire Goodwin-Fee dirige a organização Frontline19, voltada ao tratamento psicológico de profissionais da saúde durante a pandemia. “Eles estão de joelhos. Há uma quantidade enorme de ansiedade. As pessoas se sentem mal só de ter que ir trabalhar e pelo que vão ver ali”, revelou à BBC.

“Atendemos um médico que tem uma jovem família, mas está se mantendo distante deles e estava traumatizado pelo fato de ter perdido dois de seus colegas para a Covid-19. Em um dos turnos, ele logo cedo perdeu cinco pacientes, e logo que os leitos ficaram vagos, foram preenchidos com outras pessoas. Foi quando ele teve que telefonar para os parentes das pessoas que, infelizmente, haviam falecido. Ele disse que não estava preparado para aquilo – não sabia o que dizer. Ele desligou o telefone, colocou a cabeça na mesa, soluçou e disse: ‘não aguento mais’”.

“Eu tinha um paciente de 60 anos, rígido, atleta. Ele e a esposa pegaram Covid, vieram numa sexta-feira aqui, ele disse que estava ruim, estava tossindo e eu disse que ele



podia estar com Covid. Fiz a tomografia do pulmão. Ele me mandou a imagem pelo WhatsApp, tinha 60% do pulmão comprometido. Eu disse que ele precisava ser internado, foi internado, entubou e morreu uma semana depois. Não tinha nenhuma doença pré-existente, não tinha nenhuma comorbidade, é muito devastador pro paciente e pro médico também, é como uma sentença de morte. O medo de morrer faz a pessoa perder a vontade de lutar, você quer lutar mas tem medo, muito pavor”, conclui Dr. José, emocionado e cansado.

# CONCLUSÃO

A necropolítica também nos ajuda a entender porque determinadas pessoas são mais vulneráveis à Covid-19, mesmo que, de fato, a contaminação do vírus independa de classe, raça, gênero ou orientação sexual. A forma como o Estado lida com a contaminação diz muito sobre quem será afetado, sendo assim, uma parcela da população ficará vulnerável aos comportamentos aderidos pelo mesmo.

Assim como em todas as epidemias, pandemias e situações relacionadas à saúde pública, eram previstos que as periferias marginalizadas seriam as grandes vítimas do coronavírus no Brasil. As principais medidas de combate à propagação do vírus são o isolamento social e a higiene das mãos, e essas simples precauções podem ser impossíveis para algumas famílias. Conforme observado durante as realizações das entrevistas que fizemos, as casas normalmente possuem apenas um quarto para toda a família, famílias que costumam possuir de dois a três filhos, ou mais, sendo impossível se isolar caso alguém fosse contaminado, e mais

impossível ainda é deixar de trabalhar, quando possível, para evitar ser infectado.

Essas pessoas não possuem acesso às instalações de saneamento básico adequadas, recolhimento de esgoto ou fornecimento de água tratada, se tornando alvos fáceis. De acordo com dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), somente 41,5% dos municípios brasileiros possuíam um Plano Nacional de Saneamento Básico em 2017. O resultado da falta de um planejamento reflete diretamente na saúde, um em cada três municípios relata a ocorrência de epidemias ou endemias provocadas pela falta de saneamento básico.

Acontece que, a maior parte das vítimas da doença permanecem invisíveis no sistema epidemiológico. As comunidades veem o coronavírus se proliferar e matar. Existe uma alta letalidade e um número inexplicavelmente baixo de casos, o que coloca em dúvida dados divulgados, que podem trazer uma falsa sensação de segurança, agravando a situação de contágio.

A Covid-19 veio para agravar uma crise já existente. A desigualdade social vivenciada diariamente por indivíduos em locais onde o isolamento é praticamente impossível evidencia o cenário caótico que vivemos e fingimos não ver. Há um debate sobre qual deveria ser a prioridade nesse momen-

to, salvar vidas ou a economia e isso prova a desvalorização da vida no Brasil. Certamente a economia brasileira sofrerá os efeitos da pandemia por alguns anos, essa é uma questão que devemos levar em conta já que reflete diretamente no futuro social e político do país. Porém, o que fica claro é que há preocupação apenas sobre uma parcela da sociedade.

Posicionamentos de diversos governantes ao redor do mundo, especialmente no Brasil, consolidaram ainda mais a gravidade da situação pandêmica ao afirmarem que “muitos iriam morrer”, banalizando e normalizando a perda de muitos, desconsiderando o valor de algumas vidas. De forma geral, a pandemia tem mostrado que algumas vidas valem mais que outras e podem ser desconsideradas ou descartadas facilmente.

Ser jornalista é principalmente se preocupar com problemas relacionados à sociedade, aliás, seremos as pessoas que estarão na linha de frente, lutando pela visibilidade e direitos de cada ser, independente de seu poder aquisitivo ou de sua posição social. O social é o que move o jornalismo, então porque não fazer um jornalismo mais justo e humanitário? Dentre milhares de dúvidas sobre qual tema escolher, qual rumo seguir, a questão social foi a escolhida, não apenas por ser a principal diretriz do nosso trabalho, mas por ser o que me brilha os olhos.

Muitos desafios foram enfrentados durante a coleta das entrevistas, tínhamos muita insegurança de chegar na casa das pessoas perguntando coisas pessoais, falando de suas dificuldades. Mas nossa profissão é baseada nisso, escutar o que o outro tem a dizer e absorver isso da melhor forma possível, mesmo que sejam situações tão fora da nossa realidade.

Quinta da Boa Vista representa as inúmeras regiões brasileiras afetadas pela falta de estruturas básicas, essenciais à população. Cada capítulo do livro retrata diferentes regiões de Goiânia e Aparecida de Goiânia, mas englobam todo o Brasil, trazem micro aspectos gerais da realidade nacional frente à pandemia.

Levamos muitos não, até mais que o esperado. Havia receio por parte das pessoas, aliás, convidar pessoas desconhecidas para entrar na sua casa e conhecer sua realidade não é uma tarefa tão fácil. Nós éramos intrusos querendo saber demais. É tão difícil sairmos da nossa zona de conforto, tão difícil deixar a timidez e a vergonha de lado, mas conforme íamos conhecendo aquelas famílias, aquelas pessoas, não só a gente como elas também iam se sentindo à vontade para compartilhar suas histórias, histórias emocionantes, histórias de superação.

Este livro foi composto em Benton Sans para títulos e  
Roboto Slab para texto. Produzido em novembro de 2021.  
Todos direitos do ebook estão reservados aos autores.

# OS AUTORES



Estudante de jornalismo, **Laura Letícia Vanz** trabalhou diretamente com projetos sociais durante a graduação e desenvolveu o interesse em estudar o poder de decisão do Estado sobre as condições de vida da sociedade. Trabalhou como redatora do jornal Diário do Estado e, atualmente, atua como social mídia e editora na Agência Brasil Central. A ideia do tema surgiu a partir da discussão sobre os impactos da pandemia para determinadas parcelas da população e o interesse mútuo dos integrantes em construir um estudo elaborado sobre a desigualdade no país.

Graduando em Jornalismo, **Luiz Felipe Santos Teixeira**

tem 21 anos, atualmente trabalha na assessoria de imprensa do Procon Goiás, já trabalhou na redação dos sites [capitalist.com.br](http://capitalist.com.br) e [escolaeducacao.com.br](http://escolaeducacao.com.br). Além disso, durante a vida acadêmica participou de programas de extensão universitária e conferências. A ideia de fazer um livro reportagem sobre necropolítica e a pandemia veio pela vontade de contar histórias e a paixão pela escrita, que vem desde o ensino fundamental. Compartilhar os momentos difíceis que a sociedade vive é imprescindível em um momento que é necessário ouvir e entender as dores e fragilidades dos próximos.



**Yasmim Gschliffner Resende**, graduanda em jornalismo, se descobriu apaixonada pela comunicação social assim que entrou na faculdade. Desde sempre se dedicou a pequenas ações sociais, e a partir da graduação se descobriu ainda mais capaz e apaixonada por esse meio, que foi de onde surgiu a vontade da criação desse e-book que registra diversas histórias reais. Estagiou como assessora na empresa Cunha Comunicações e na Assembleia Legislativa, onde acompanhou de perto o trabalho social de deputados.